



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
Centro de Humanidades

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LINHA DE PESQUISA

Conservação do Meio Ambiente e Sustentabilidade dos Ecossistemas

SIMONE DA SILVA

**CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE
RURAL NO MUNICÍPIO DE CUITEGI, PARAÍBA, NORDESTE, BRASIL**

**GUARABIRA-PB
2014**

SIMONE DA SILVA

**CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE
RURAL NO MUNICÍPIO DE CUITEGI, PARAÍBA, NORDESTE, BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades Campus-III “Osmar de Aquino”, Departamento de Geografia, realizada para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia, sob a orientação do Prof. Msc. Carlos Antonio Belarmino Alves (CH/UEPB) e Coorientação do Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena (CCA/UFPB).

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Simone da
Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma
Comunidade Rural no Município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste,
Brasil [manuscrito] : / Simone da Silva. - 2014.
64 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.
"Orientação: Carlos Antonio Belarmino Alves,
Departamento de Geografia".
"Co-Orientação: Reinaldo Farias Paiva de Lucena,
Departamento de ".
1. Plantas medicinais. 2. Etnobotânica. 3. Conhecimento
tradicional. I. Título.

21. ed. CDD 910

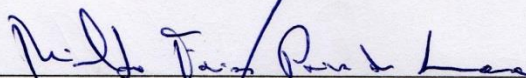
**CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE
RURAL NO MUNICÍPIO DE CUTEGI, PARAÍBA, NORDESTE, BRASIL**

SIMONE DA SILVA

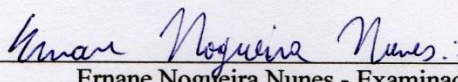
BANCA EXAMINADORA



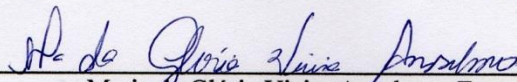
Carlos Antonio Belarmino Alves - Orientador
Msc. Em Ciências da Educação/ Universidade Lusófona de Lisboa/ Portugal
Professor do Curso de Geografia UEPB/DG/CH



Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena - Coorientador (UFPB/CCA)
Doutor em Botânica pelo Laboratório de Etnobotânica Aplicada (UFRPE)



Ernane Nogueira Nunes - Examinador
Graduação em Tecnologia de Alimentos (Instituto CENTEC- Limoeiro do Norte-CE)
Ms. em Agronomia (UFPB/ CCA) Campus II



Maria da Glória Vieira Anselmo - Examinadora
Espec. em Educação Ambiental Faculdades Integradas de Patos-FIP
Mestranda em Agronomia (UFPB/CCA-Campus II)

Monografia aprovada em 24/07/2014

**Guarabira-PB
2014**

A minha querida mãe Maria do Livramento da Silva, pelo incentivo e confiança, meu exemplo de força e determinação.

Eu dedico

AGRADECIMENTOS

Chegar à universidade foi um sonho e concluir o curso de licenciatura plena em Geografia uma realidade maravilhosa, que Deus proporcionou na minha vida, e por todas as bênçãos que tenho que agradeço imensamente ao Divino Pai Eterno e a Nossa Senhora, por todo amor e carinho com que consegui concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica.

A minha mãe, a mulher mais forte e corajosa que conheço Maria do Livramento da Silva, que mesmo nas dificuldades diárias, com a função de mãe e pai sempre está pronta para ajudar em tudo obrigada!! mãe. Aos meus irmãos José da Silva, Luzia da Silva e Fabiola da Silva por sempre terem incentivado para continuar estudando em todos os momentos, mesmo diante das dificuldades me deram exemplos de superação.

Aos meus sobrinhos amados Emerson Firmino da Silva (meu filho querido), Hélida Firmino da Silva e Ana Clara (meu bebê).

A meu esposo Daniel dos Santos Silva, pelo amor, dedicação, compreensão, respeito e acima de tudo a confiança. Obrigada e desculpa por todos os momentos que te deixei só por motivos de trabalhos e estudos.

Amanda Azevedo da Silva, minha querida amiga pela compreensão, conversas e apoio em todos os momentos, obrigada por tudo.

A Wellington Miguel Dantas, meu filho querido e irmão em Cristo. Agradeço muito meu amigo pela força e dedicação de todos os momentos que você me ajudou a superar e a buscar novos caminhos com muita força, perseverança e com Deus no coração sempre.

A Clemilson de França Cardoso “Tio” mesmo me colocando nas maiores confusões que já enfrentei, formamos uma equipe única capaz de luta com determinação pela reativação do Centro Acadêmico de Geografia e os eventos como a inesquecível V Semana de Geografia da UEPB-CampusIII, I Seminário de Metodologia em Geografia que marcaram nossas vidas, além de incentivamos os alunos do curso de Geografia que é nossa ciência e linda e apaixonante.

As instituições de ensino e os profissionais da educação que contribuíram na minha formação, desde o processo de alfabetização até ao ingresso na Universidade Estadual da Paraíba- Campus III, Guarabira/PB.

Aos meus Amigos de sala da turma 2010.1, Robéria, Rafael, João Bosco, Webson, Daniel, Jeyse, M^a Kalinne, M^a do Céu, Maria José, M^a do Socorro, Marcelo, Jaciele, Robéria, Tarcisio, Francisca Aline. Pelos momentos que passamos juntos durante esses quatro anos de

academia e com os quais compartilhei momentos inesquecíveis da minha vida como: as aulas de campo, os congressos, os momentos de comemorações.

Aos professores que fizeram parte desses anos de vida acadêmica em especial ao Prof. Carlos Antonio Belarmino Alves - orientador e o nosso “pai da pesquisa”, o ser humano mais iluminado que conheço o professor Carlos é sinônimo de sabedoria, paz, fé, esperança, coragem, dedicação, simplicidade, etc. Que Deus o abençoe sempre, seu apoio é fundamental na minha vida.

Ao professor Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena - coorientador desse trabalho, que admiro muito por todo seu acolhimento dedicação, seriedade com os alunos, formando uma grande família, obrigada.

A prof^a Dr^a Luciene Vieira de Arruda e ao prof.Dr. Belarmino Mariano Neto pela disposição, paciência, competência, responsabilidade, com os alunos mostrando os caminhos da pesquisa.

Aos funcionários da UEPB campus III, em especial a Amarildo, Tânia, Elisângela, Rejane, os vigilantes, a dona Lúcia da barraca onde por muitas vezes fiz minhas refeições e por nossas conversas.

À Banca Examinadora, Ernane Nogueira Nunes e Maria da Glória Vieira Anselmo, pela disponibilidade em examinar esse trabalho.

Aos amigos Ezequiel Ferreira e Ernane Nogueira, pela contribuição nessa pesquisa obrigada!

Aos moradores da comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi-PB, que colaboraram muito para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos companheiros ao longo da jornada: Suziane, Wendell Leite, Juliana Cecilia, Silvinha França, Ramon Santos, Joseline Feliciano, Jailson Cardoso, Gilvânea Ribeiro, Rafael Maxi, Francinaldo Augusto, Estevão Ferreira, Roberto Barreiros de Jesus. Pelo carinho, compreensão e incentivo, enfim, a todos meus sinceros agradecimentos.

“Não há nada que não se consiga com a força de vontade, a bondade, e principalmente com amor.”

(Pe. Fabio de Melo)

043. CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

SILVA, S. **Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste, Brasil**(Curso de Geografia, UEPB-campus III, na Linha de Pesquisa: Conservação do Meio Ambiente e Sustentabilidade dos Ecossistemas, orientado pela prof. Msc. Carlos Antonio Belarmino Alves e sob coorientação do prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena).

Banca Examinadora:

Prof. Msc. Carlos Antonio Belarmino Alves - Orientador (CH/UEPB)

Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena -Coorientador (CCA/UFPB)

Ms.Ernane Nogueira Nunes - Examinador (UFPB/ CCA)

Espc. Maria da Gloria Vieira Anselmo -Examinadora (FIP-Patos/PB)

RESUMO

As comunidades locais são responsáveis por manter um grande elenco de plantas cultivadas para suprir necessidades alimentícias, industriais ou médicas. O conhecimento tradicional fornece dados importantes para novas descobertas científicas, e nesse panorama as pesquisas sobre o uso de plantas medicinais têm aumentado no Brasil. Assim, muitos estudos etnobiológicos vêm sendo realizados no Brasil, sendo a etnobotânica um dos campos mais desenvolvidos, devido ao seu caráter interdisciplinar na busca de entender as inter-relações entre os seres humanos e as plantas. O estudo foi realizado na comunidade do Sítio Palmeira no município de Cuitegi, localizado no estado da Paraíba (Nordeste do Brasil), na Mesorregião do Agreste paraibano e na Microrregião de Guarabira-PB. Desse modo, o objetivo dessa pesquisa foi registrar o uso e importância relativizadas plantas medicinais utilizadas pelas mulheres da comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi (Paraíba, Nordeste do Brasil). Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 40 mulheres (chefes de famílias). Aplicou-se o índice de Importância Relativa (IR). Também, foi realizada distinção entre as citações de o valor de uso atual (**VUatual.**) e valor potencial (**VUpotencial.**). As informantes foram convidadas a assinar o termo de livre esclarecimento (Resolução 196/96). O material botânico coletado em campo foi identificado, processado e incorporado no Herbário Jaime Coelho de Moraes (CCA-UFPB-Campus II).Foram registradas 140 espécies pertencentes a 63 famílias e para esse total obtivemos 92 indicações terapêuticas. A espécie mais citada foi *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (erva-cidreira) (43) citações. A família botânica Lamiaceae com (10), se destacou quanto ao número de espécies representadas. Considerando a importância relativa (IR), a espécie que possui o maior valor foi *Cymbopogon citratus* (DC.)Stapf. (capim santo) IR=1,75. Quanto às partes das plantas mais utilizadas pelas mulheres, destacam-se as folhas com (440) citações.O modo de preparo mais utilizado foi: infusão (chá abafado) (215) citações, decocto (chá cozido) (194). Quanto ao VUatual e VUpotencial destas espécies o *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (capim santo) destacou-se quanto o VUpot.0,27 e em VUat. 0,77. As indicações de uso terapêuticas mais enfatizadas foram: tosse (143) e dor de barriga (87). Os sistemas corporais que tiveram maior destaque foram: os transtornos do sistema respiratório e digestório com (217) citações. Sobre a perpetuação do conhecimento na medicina tradicional 85% das mulheres entrevistadas afirmaram que, ensina como é feito os preparos caseiros.Entende-se, que o amplo conhecimento sobre as plantas usadas pelas moradoras da comunidade dar-se através da propagação do conhecimento tradicional compartilhado entre os membros de uma mesma família. No entanto, é indispensável à realização de mais estudos etnobotânicos nessa comunidade, na perspectiva conservacionista das plantas medicinais.

PALAVRAS-CHAVE: Plantas medicinais, Etnobotânica, Conhecimento tradicional.

ABSTRACT

Local communities are responsible for keeping a large cast of cultivated plants to supply food, industrial or medical needs. Traditional knowledge provides important data for new scientific discoveries, and in this scenario the research on the use of medicinal plants has increased in Brazil. So many ethno-biological studies are being conducted in Brazil. With an ethnobotany one of the most developed fields, due to its interdisciplinary in seeking to understand the interrelationships between humans and plants. The study was conducted at the site in the city of Palm community Cuitegi, located in the state of Paraíba (Northeast of Brazil), in the Wasteland Meso and Micro-region of Paraíba Guarabira-PB. Thus, the aim of this study was to record the use and relative importance of medicinal plants used by the women of the Palm Tree Site, Cuitegi (Paraíba, Northeast Brazil) community. Semi-structured interviews were conducted with 40 women (heads of households). We used the relative importance value (IR). Was also held distinction between quote the value of current use (VUatual.) and potential value (VUpotencial.). The informants were asked to sign a statement of free enlightenment (196/96). The botanical material collected in the field was identified, processed and embedded in the Herbarium Jaime Coelho de Moraes (CCA-UFPB Campus-II). 140 species belonging to 63 families and this total we obtained 92 indications were recorded. The most cited species was *Lippia alba* (Mill.) NEBr. (lemongrass) (43) quote. The botanical family Lamiaceae with (10), stood out as the number of species represented. Considering the relative importance (RI), the species that has the highest value was *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (lemongrass) IR = 1.75. For parts of the plants most used by women, they stand out with the leaves (440) quotes. The method of preparation used most was: infusion (tea muffled) (215) quotes, decoction (boiled tea) (194). Regarding VUatual and VUpotencial these species the *Cymbopogon citratus* (DC.)Stapf. (lemongrass) stood out as the VUpotencial. 0.27 and VUatual. 0.77. The indications for therapeutic use most emphasized were: cough (143) and stomach ache (87). The body systems that were most prominent were: disorders of the respiratory and digestive system (217) quotes. About the perpetuation of knowledge in traditional medicine 85% of the women interviewed stated that teaches how it is done the homemade dressings. It is understood that the extensive knowledge about the plants used by the residents of the community to give through the propagation of traditional knowledge shared between members of the same family. However, it is essential for completing more ethnobotanical studies in this community, the conservationist perspective of medicinal plants.

KEYWORDS: Medicinal plants, Ethnobotany, Traditional Knowledge

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Local de estudo. Município de Cuitegi, estado da Paraíba, Nordeste do Brasil.....	26
Figura 2	Imagem da comunidade estudada Sítio Palmeira Cuitegi-PB.....	27
Figura 3	Principal via de acesso a comunidade Sítio Palmeira Cuitegi-PB.....	17
Figura 4	Material botânica Herbário Jaime Coelho de Moraes (UFPB).....	18
Figura 5	Material botânico em fase de incorporação no Herbário Jaime Coelho de Moraes (UFPB).....	28
Figura 6	Citações das partes utilizadas por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi-PB.....	32
Figura 7	Modo de preparo por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi-(PB).....	33
Figura 8	Citações de sistemas corporais citados por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	34
Figura 9	Indicações terapêuticas que foram mais citadas.....	35
Figura10	Citações de sistemas corporais citados por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira.....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Definição do termo Etnobotânica por diversos autores.....	22
-----------------	---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Espécies que obtiveram maior número de citações.....	30
Tabela 2	Espécies de plantas identificadas como uso medicinal e Importância Relativa (IR) da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	46
Tabela 3.	Parte das plantas utilizadas nas preparações caseiras de uso medicinal citada por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	51
Tabela 4.	Modo de preparo citados por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi(PB).....	52
Tabela 5.	Citações de sistemas corporais citado por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	53
Tabela 6.	Citações de uso VUpotencial VUatual das espécies citadas na comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	54
Tabela 7	Indicação terapêutica citada por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	60

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CNBs	Congresso Nacional de Botânica
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IR	Importância Relativa
Km	Quilômetro
MS	Ministério da Saúde
NP	Número de Propriedades
NPEV	Número total de propriedades atribuída á espécies mais versátil
NSC	Número de Sistemas Corporais
NSCE	Número de sistemas corporais tratado por uma determinada espécie
NSCEV	Número de sistema corporais tratado pela espécie mais versátil
OMS	Organização Mundial da Saúde
PB	Paraíba
PSF	Programa Saúde da Família
SBB	Sociedade Botânica do Brasil
SUDEMA	Superintendência do Desenvolvimento do Meio Ambiente
SUS	Sistema Único de Saúde
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
VUat	Valor de uso atual
VUpot	Valor de uso potencial

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 O ECOSISTEMA CAATINGA.....	18
2.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS.....	20
2.3. PANORAMA DOS ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS.....	21
2.4. CONHECIMENTO TRADICIONAL.....	24
3 MATERIAL E MÉTODOS	26
3.1 ÁREA DE ESTUDO.....	26
3.2 INVENTÁRIO ETNOBOTÂNICO.....	28
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	29
4. RESULTADO E DISCUSSÃO	30
4.1 PLANTAS IDENTIFICADAS.....	30
4.2 PARTES DAS PLANTAS UTILIZADAS PELOS INFORMANTES.....	31
4.3 IMPORTÂNCIA RELATIVA (IR) E VUATUAL E VUPOTENCIAL.....	33
4.4 USOS TERAPÊUTICOS DAS PLANTAS.....	35
5. CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	39
ANEXO	45
ANEXO A-tabela 2. Espécies de plantas identificadas como uso medicinal e importância relativa (ir) da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	46
ANEXO B- tabela 3. Parte das plantas utilizadas nas preparações caseiras de uso medicinal citada por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	51
ANEXO C- tabela 4. Modo de preparo citados por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	52
ANEXO D-tabela 5. Citações de sistemas corporais citado por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	53
ANEXO E- tabela 6. Citações de uso VUpotencial VUatual das espécies citadas na comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	54
ANEXO F- tabela 7 indicação terapêutica citada por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).....	60
ANEXO G- . Formulário geral etnobotânico.....	63
ANEXO H- Termo de consentimento livre e esclarecido.....	64

1 INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais são responsáveis por manter um grande elenco de plantas cultivadas para suprir necessidades alimentícias e médicas. As investigações etnobotânicas realizadas no decorrer dos últimos anos têm comprovado essa situação (ALBUQUERQUE, 2005; MINISTÉRIO DA SAÚDE-MS, 2006). Assim, o conhecimento popular pode fornecer dados importantes para novas descobertas científicas. Nesse panorama as pesquisas sobre o uso de plantas medicinais têm aumentado gradativamente no Brasil, devido a enorme diversidade biológica como destacam-se os estudos desses autores sobre uso e diversidade de plantas utilizados para fins terapêuticos por comunidades tradicionais Sousa *et al.*, 2007; Mosca e Loiola, 2009; Vendruscolo e Mentz, 2010; Albuquerque, 2010; Maia *et al.*, 2011, Oliveira *et al.*, 2010; Cabral e Maciel, 2011; Paulino *et al.* 2011; Alencar, 2012; Freitas *et al.*, 2012; Lacerda *et al.*, 2013; .

As plantas medicinais são espécies vegetais que possuem princípios ativos que podem tratar organismos humanos ou até mesmo de animais de modo geral, no combate de sintomas e cura de doenças, extinguindo patógenos como vermes, fungos, bactérias, etc. Além da ação preventiva contra as enfermidades (ALBUQUERQUE, *et al.* 2010).

Relacionado ao uso terapêutico, os saberes e práticas tradicionais estão intrinsecamente relacionados aos territórios e seus recursos naturais, como parte integrante da reprodução sociobiocultural e econômica dessas comunidades. As plantas medicinais e seus derivados vêm, há muito, sendo usados pelas populações locais nos seus cuidados básicos de saúde, sejam pelo conhecimento das comunidades indígenas, quilombolas, entre outras, do uso da fitoterapia popular, na transmissão oral de conhecimento entre gerações (MINISTÉRIO DA SAÚDE-MS, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2009; LACERDA *et al.*, 2013).

O conhecimento tradicional pode fornecer dados importantes para novas descobertas científicas e assim, as pesquisas sobre o uso de plantas medicinais têm aumentado gradativamente no Brasil, devido a enorme diversidade biológica, fato que reforça o aumento das pesquisas realizadas no país (MS, 2009).

Diante desses fatores, muitos estudos etnobiológicos vêm sendo realizados no Brasil, sendo a etnobotânica um dos campos mais desenvolvidos (ALMEIDA e ALBUQUERQUE, 2002). Apresentando contribuições relevantes sobre registros e levantamentos do uso das plantas com propriedades medicinais em comunidades tradicionais como os estudos desenvolvidos de Vendruscolo, 2004; Sousa *et al.*, 2007; Mosca e Loiola, 2009; Vendruscolo e

Mentz, 2010; Albuquerque, 2010; Bernardes *et al.*, 2011; Maia *et al.*, 2011; Paulino *et al.*, 2011; Cabral e Maciel, 2011; Alencar, 2012;Carvalho *et. al.*, 2013.

Nesse contexto, Oliveira *etal.* (2009), argumentam que o caráter interdisciplinar da etnobotânica, colabora para uma diversidade de tópicos que podem ser estudados associados aos fatores culturais e ambientais sobre as inter-relações entre as plantas e os seres humanos no seu cotidiano. Entretanto, os estudos etnobotânicos têm se destacado ao fornecer informações para obter registro e levantamento sobre o conhecimento, uso e conservação de espécies vegetais. Dessa forma, disponibilizar dados a respeito do manejo dos recursos naturais, bem como envolver as populações locais, de modo participativo nas pesquisas etnobotânicas (SOUSA *et al.*, 2011).

É imprescindível não promover o resgate, o reconhecimento e a valorização das práticas tradicionais e populares de uso de plantas medicinais transmitido pelas populações nas preparações caseiras. Desse modo o Brasil, com o seu vasto patrimônio genético e sua grande diversidade cultural, tem a oportunidade para estabelecer um modelo de desenvolvimento próprio e autônomo na área de plantas medicinais, que prime pelo uso sustentável da biodiversidade e que respeite os princípios éticos e culturais (MS, 2009).

É a partir desses pressupostos, que a pesquisa se desenvolveu em uma área de Agreste paraibano (Nordeste do Brasil), que se caracteriza por uma zona intermediária entre as faixas de umidade vinda do litoral e pela semiaridez. Com temperatura agradável, recebendo parte das chuvas orográficas do Brejo da Paraíba, desviadas pelos ventos que esbarram nos contrafortes da Borborema (DUQUE, 2004). Nesta região natural existem conjuntos de espécies vegetais própria de Caatinga entremeada por fragmentos de Mata Atlântica. Porém, a vegetação primitiva do agreste nordestino foi quase totalmente devastada e o solo foi intensamente ocupado pelas culturas agrícolas e pastagens (AB'SABER, 2009).

As plantas medicinais nas áreas de agreste nordestino possuem uma vasta importância, por exemplo, observa-se um grande fluxo de comercialização em mercados e feiras livres que nutrem a medicina popular com um arsenal diversificado de plantas de finalidade medicinais e com vasta procura pelas populações (RAMOS *et al.*, 2005). Especificamente no Nordeste, essa diversidade de uso das plantas com a finalidade medicinal pode-se explicar pelo resultado da interação das diferentes culturas principalmente os quilombolas e indígenas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

Esse estudo prioriza interação ente a comunidade local o uso consciente dos seus recursos naturais, via conhecimento empírico sobre as plantas medicinais, de maneira

participativa, na busca de contribuir com a valorização do conhecimento tradicional, crenças, valores e saberes perpetuado dentro das gerações familiares.

Dessa forma, a pesquisa objetiva registrar o uso e importância das plantas medicinais utilizadas pelas mulheres da comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi (Paraíba, Nordeste do Brasil). Aplicação do cálculo do valor de uso, levando-se em consideração o VUatual, e o VUpotencial das plantas medicinais citadas pelas informantes; Identificar a importância relativa (IR) das plantas medicinais pelas respectivas entrevistadas e comparar o elenco das plantas medicinais mais importantes de acordo com o valor de uso e a sua Importância Relativa (IR).

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão literata, objetiva apresentar uma breve caracterização do ecossistema Caatinga, além de elencar um panorama geral dos avanços das pesquisas na abordagem da Etnobotânica, focados em usos das plantas medicinais inclusos na linhagem dos conhecimentos tradicionais, perpetuado por gerações. Nessa perspectiva, buscou-se mencionar os antecedentes históricos e evolutivos dos estudos etnobotânicos, conhecimento e o uso milenar das plantas medicinais utilizados na cura de enfermidades.

2.1 O ECOSSISTEMA CAATINGA

Caatinga é um ecossistema que ocupa uma área de 844.453 km² do território nacional e detém a maior biodiversidade entre as regiões semiáridas do planeta (MMA, 2011). A vegetação é do tipo xerófila e arbustiva, com perda total de folhas durante o período seco. As formas de relevo predominantes são as superfícies aplainadas que variam de 5% a 20%. As condições climáticas são caracterizadas por chuvas escassas com os índices pluviométricos entre 300 e 700 mm/ano. As temperaturas máximas variam de 30°C e 36°C e as mínimas entre 20°C e 22°C. Os solos, que ocupam a maior extensão da área, são pedregosos e rasos, ocorrem também manchas de solos pouco mais espessos (ROSS, 2009).

A vegetação da Caatinga é especial, ou seja, não é encontrada em nenhum outro lugar do mundo, além do Brasil, distribuída de modo sucessiva nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e a ilha de Fernando de Noronha (CASTRO e CAVALCANTE, 2010).

A biodiversidade da Caatinga destaca-se por conter uma grande variedade de espécies vegetais e animais, muitas endêmicas, e outras que podem exemplificar relações biogeográficas que ajudam a esclarecer a dinâmica histórica da vegetação do próprio ecossistema (GIULIETTI *et al.*, 2003). Mesmo com essas variedades de espécies, existe a carência de estudos científicos mais aprofundados sobre o seu uso e conservação. Albuquerque e Andrade (2002) apontam que algumas políticas e programas destinados à região Nordeste são insuficientes, derivam da escassez de conhecimento sobre os recursos naturais e a complexidade da relação entre as populações locais com os recursos disponíveis nessas regiões.

A transição entre a Caatinga e Mata Atlântica ocorre na parte leste, preferencialmente sobre os terrenos cristalinos da faixa de dobramentos pré-cambrianos, dentro dos domínios do

Planalto da Borborema com a Depressão Sertaneja (ROSS, 2009). Assim, o ecossistema apresenta uma ampla diversidade de ambientes, composto por um mosaico de diferentes tipos de vegetação, em geral caducifólia, xerófila e espinhosa. Nas regiões altas e de relevo variado incluem a Caatinga arbustiva e arbórea, mata seca e úmida e as formações com presença de cactáceas e bromeliáceas (VELLOSO *et al.*, 2002).

Dos ecossistemas brasileiros em diversos aspectos a Caatinga é o mais negligenciado, tais como: o uso inadequado dos solos e dos recursos naturais; a degradação ambiental influenciada pela predisposição geoambiental e interferência antropogênica, desta forma, a cobertura vegetal é usada de forma insustentável, como fonte de energia em domicílios, olarias, casas de farinha, padarias, entre outros. Além, da pecuária extensiva, extrativismo vegetal e a agricultura contribuirão fortemente com aceleração dos danos ambientais a esse ecossistema (VELLOSO *et al.*, 2002; MACIEL, 2010).

Desse modo, há necessidade de definir estratégias para a preservação da biodiversidade da Caatinga, uma vez que só existem 36 unidades de conservação nesse ecossistema, o que corresponde a 7,1% da sua superfície total, porém, 1,21% representam as unidades de proteção integral. Assim, essas estimativas mostram que 30% da área do bioma já foram modificadas pela ação humana, principalmente em função da agricultura e pecuária. Diante desse fato, presume-se a extinção de algumas espécies nativas e a formação de extensos núcleos de desertificação em vários setores da região (ARAÚJO *et al.*, 2005).

A vegetação nativa é utilizada pela população das áreas de Caatinga e sustenta a economia em muitos locais do ecossistema, pela contribuição dos recursos madeireiros para a matriz energética e de uma grande quantidade de produtos florestais não madeireiros, que dão um caráter único às atividades humanas dentro de uma forte cultura regional (MMA, 2011). Diante da riqueza natural da Caatinga em estudo e das particularidades paisagísticas desse ecossistema, pesquisas científicas vêm sendo desenvolvidas com a prioridade da conservação e dentre esses estudos destaca-se Velloso (2002); Leal *et al.* (2003); Silva *et al.*, (2003); Giulietti *et al.*, (2003); Araújo *et al.*, (2005); MMA, (2011).

O uso de espécies vegetais com propriedades medicinais é muito diversificado na Caatinga. As plantas tem uma função muito importante para a população, pois, em muitos lugares, é a única forma existente de preparar um medicamento caseiro para melhorar de alguma enfermidade ou aos seus sintomas. No entanto, Os estudos científicos apontam que na Caatinga, existem aproximadamente 400 espécies empregadas na medicina tradicional, no combate aos diferentes problemas de saúde (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

Os estudos etnobotânicos valorizam e registram o conhecimento sobre os usos populares das plantas para cura e tratamento de doenças (ALBUQUERQUE, 2010). Desse modo, ressaltamos os estudos em modelos de farmacopeias tradicionais na região Nordeste, nos quais representam os conhecimentos teóricos e práticos sobre os preparos medicinais repassados ao longo das gerações (ALENCAR, 2012). Esses estudos sobre o conhecimento das populações locais constituem uma poderosa ferramenta conservacionista nas áreas de Caatinga (ALBUQUERQUE e ANDRADE, 2001).

2.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS

O conhecimento e utilização de plantas medicinais são práticas comuns entre as populações tradicionais o uso dessas espécies vegetais com finalidades terapêuticas caracteriza-se como uma técnica milenar enriquecida pela cultura tradicional (MAIA *et al.*, 2011). Em muitos países a tradição de fazer preparos caseiros para o tratamento de doenças, remonta a origem e descendência de muitas culturas. Deste modo, a maioria dos grupos culturais faz uso de plantas como recurso terapêutico e assim, utilizam de maneira alternativa ou complementar à medicina ocidental (VENDRUSCOLO e MENTZ, 2006).

Desde o ano 3000 a.C. têm-se informações que a China dedicava-se ao cultivo de plantas medicinais. O Imperador Sheng-Nung utilizou uma série de plantas em seu próprio corpo, para saber o efeito que provocavam. Entre tantas, destacou o uso da raiz de *Panax ginseng* L. (ginseng), anunciando ser a mais fabulosa das ervas e que favorecia a longevidade. Outros relatos destacam as placas de barro de 3.000 a.C. registraram importações de ervas para a Babilônia. Por volta de 2.000 a.C. (JORGE, 2009).

Neste contexto, a arte de benzedores, curandeiros e xamãs, herdada dos magos e feiticeiros de tempos antigos, encontra-se hoje em teste nos laboratórios científicos. Várias áreas de pesquisa têm buscado avaliar experimentalmente a veracidade das informações sobre as virtudes das plantas medicinais, com base em conhecimentos adquiridos e consolidados durante milhares de anos e repassados através de gerações por aqueles que são os ancestrais da ciência moderna. Outras práticas milenares também têm contribuído para ampliar o conhecimento dos efeitos terapêuticos das plantas medicinais; é o caso dos amuletos e das plantas utilizadas nos rituais de diversas comunidades tradicionais (RADOMSKI, 2003).

Assim, destaca-se a importância das plantas medicinais para a profilaxia de algumas doenças, como exemplifica Albuquerque (2010), que muitos moradores da Caatinga guardam partes das plantas e específicas às casas a fim de usarem como remédio quando adoecem. Isto

se justifica pelas características do clima sazonal do ecossistema Caatinga, que faz com que muitas plantas ou parte delas como: folhas, flores e frutos, etc. só estarem disponíveis em determinada época do ano.

Segundo informações divulgadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2008), afirmam que em alguns países africanos e asiáticos 80% da população dependem da medicina tradicional para o atendimento primário de saúde.

Ao longo do tempo têm sido registrados variados procedimentos clínicos tradicionais utilizando plantas medicinais. Apesar da grande evolução da medicina alopática a partir da segunda metade do século XX, existem obstáculos básicos na sua utilização pelas populações carentes, que vão desde o acesso aos centros de atendimento hospitalares à obtenção de exames e medicamentos. Estes motivos, associados com a fácil obtenção e a grande tradição do uso de plantas medicinais, contribuem para sua utilização pelas populações dos países em desenvolvimento (VIEGA JUNIOR e PINTO, 2005 p 11).

A utilização de plantas medicinais no Brasil surge como uma alternativa terapêutica, consideravelmente influenciada pela cultura indígena, pelas tradições africanas e pela cultura europeia trazida pelos colonizadores. Observar-se, atualmente que existe uma grande inquietação girando em torno da conservação da natureza, assim como uma busca sobre os conhecimentos tradicionais no uso das espécies vegetais na perspectiva preservacionista (LACERDA *et al*, 2013).

Aproximadamente 82% da população brasileira utilizam produtos à base de plantas medicinais nos seus cuidados primários com a saúde, calcula-se que pelo menos 25% de todos os medicamentos modernos são derivados, diretamente ou indiretamente de plantas medicinais (RODRIGUES e AMARAL, 2012).

Na região Nordeste, segundo Mosca e Loiola (2009) apesar da grande influência dos meios de comunicação e do aumento do número de farmácias. O uso de plantas medicinais ainda é frequente, tanto nos ambientes rurais quanto urbanos. Assim os estudos etnobotânicos enfatizam o uso e conhecimento de plantas medicinais (OLIVEIRA, 2010). Na Paraíba, estudos sobre o conhecimento popular sobre o uso de espécies vegetais na medicina tradicional enfocando, o levantamento de espécies da diversidade de plantas de uso medicinal da flora no Cariri paraibano (AGRA *et al.*, 2002; LACERDA *et al*, 2013).

2.3 PANORAMA DOS ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS

A denominação do termo etnobotânica deve-se ao americano J. W. Harshberger, em 1895, apresentou uma definição aceitável cientificamente em um artigo publicado em 1896. Inicialmente determinada como o uso de plantas por aborígenes, o que implicava em uma complexidade de pesquisas. Harshberger considerava que a etnobotânica auxilia na elucidação da posição cultural das tribos que usam plantas para a alimentação, abrigo ou vestuário (ALBUQUERQUE, 2005; STEENBOCK, 2006). A partir de meados do século XX, passou a ser compreendida como o estudo das inter-relações entre povos primitivos e plantas. Diversos autores trataram em definir e compreender a dinâmica a etnobotânica, como se apresenta no quadro 1.

Quadro 1. Definição do termo Etnobotânica por diversos autores.

AUTORES	DEFINIÇÕES DE ETNOBOTÂNICA
Harshberger (1895)	“o estudo das plantas utilizadas pelos povos primitivos ou aborígenes”;
Jones (1941)	“o estudo das inter-relações entre o homem primitivo e as plantas”;
Schultes (1967)	“homem primitivo” da definição, colocando que a etnobotânica é “o estudo das relações entre o homem e seu ambiente vegetal”;
Hernandez-Xolocotzi (1976)	“é o campo científico que estuda as inter-relações que se estabelecem entre o homem e as plantas, através do tempo e em diferentes ambientes”;
Ford (1980)	“a totalidade das pessoas e das plantas em uma cultura e a inter-relação direta das pessoas com as plantas”;
Alcorn (1995)	O estudo das inter-relações entre os seres humanos e as plantas inseridas em ecossistemas dinâmicos constituídos por componentes naturais e sociais.

Fonte: Compilado por Plotkin (1991); Albuquerque (2005); Steenbock (2006).

Nos estudos de Oliveira *et al.* (2009) encontra-se um apanhado geral e atualizado sobre os avanços da etnobotânica no Brasil e no desenvolvimento do contexto histórico que marca as diferentes abordagens de outros autores como Ford (1978) e Alcorn (1995), para claramente definir que a etnobotânica atualmente é o estudo das inter-relações diretas que se estabelecem entre os seres humanos e as plantas. Sendo assim, a pesquisa etnobotânica é um

importante instrumento para levantar, registrar e compreender e qualificar os dados sobre o conhecimento e o uso das plantas em uma determinada comunidade. Essa relação de câmbio de informações sobre as pessoas e o ambiente em que vivem, incluindo os fatores sociais e culturais (COSTA, 2002).

Os conceitos abordados apontam que a etnobotânica constitui-se de uma análise interativa e dinâmica entre os símbolos, o natural (botânico) e o cultural. O conhecimento botânico desenvolvido por qualquer sociedade aliado aos mitos, divindades, espíritos, cantos, danças, ritos, etc. exemplificam isso com rituais de coletas de plantas medicinais ou mágicas; a designação e a atribuição de espíritos e divindades as árvores entre outras (ALBUQUERQUE, 2005).

Deste modo, estudos etnobotânicos congregam princípios, constituídos por conceitos teórico-metodológicos de diversas áreas das ciências, num processo de abertura, também para dialogar com outras formas do conhecimento que não seja apenas o científico. Devido ao seu caráter multidisciplinar busca compreender as diferentes esferas da relação das pessoas com as plantas. Entretanto, a complexidade da etnobotânica deve-se à multiplicidade de objetivos e métodos, na amplitude em problematização das abordagens, e na capacidade do pesquisador em estudar modelos interativos pessoas/plantas nos ângulos que permite fazê-lo (ALBUQUERQUE, 2005; HAVERROTH, 2010).

Ming (2006) argumenta que mesmo diante de tanta diversidade cultural e biológica e diversas situações do Brasil, dentre as etnociências a etnobotânica se sobressai como uma área que mantém um conjunto de professores e pesquisadores com um repertório de publicações e experiências consolidadas, devido à realização de trabalhos, que vem obtendo, a cada ano, um espaço maior entre as sociedades científicas não só no país.

Atualmente, as perspectivas das pesquisas na área começaram partir da metade do século XX. Mudanças herdadas dos trabalhos pioneiros na região amazônica, realizados por etnobotânicos como R.E. Schultes e D. Posey a partir da década de 1940. Posteriormente, nos Anais dos Congressos Nacionais de Botânica (CNBs) do final da década de 1980, foram identificadas novas áreas temáticas denominadas de “Etnobotânica e Botânica Econômica”, “Botânica Aplicada e Conservação”, “Botânica Aplicada e Etnobotânica” e simplesmente “Etnobotânica” ou “Botânica Econômica”.

Nos anos 90, destacaram-se a produção de manuais para o suporte metodológico. Em 1995, o CNB realizado em Ribeirão Preto - SP, a etnobotânica teve um grande avanço no meio científico brasileiro, pois, durante o congresso foi formada a “Comissão de Etnobotânica” da Sociedade Botânica do Brasil (SBB). Com relação aos artigos científicos no

período de 1990 a 2007, destacam-se, aproximadamente 64% das publicações e as demais com contribuições teóricas e metodológicas priorizando a relações pessoas/ plantas (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Assim, as perspectiva etnobotânica na conservação de biodiversidade em relação aos diferentes grupos humanos e com os recursos naturais quanto a sua percepção preservacionista.

Na maior parte, embora não exclusivamente, estudos etnobotânicos têm sido realizados com populações mais diretamente dependentes do ambiente para sobrevivência. Ao longo de várias décadas de pesquisa, antropólogos e etnobiólogos em geral têm constatado um profundo conhecimento sobre os organismos e processos ecológicos locais por parte desses grupos, em todo o mundo. Isto não é de se espantar, uma vez que tal saber tem uma importância crítica para a exploração e manejo de recursos com vistas à obtenção de alimentos, remédios e matérias-primas para os mais diversos fins. Este “saber local” enraíza-se em contextos culturais e ambientais específicos, de forma que é preciso compreender um pouco da lógica interna do grupo para poder apreciá-lo e avaliá-lo devidamente (AMOROZO, 2008 p.1).

Como ressalta Amorozo (2008) é preciso recomendar que tanto a Ciência, quanto o Saber Local, são sistemas de conhecimento, com diferentes perspectivas, a partir de pontos de vista diferentes, o primeiro, globalizante, o segundo particularista. Ambos, em conjunto, poderiam trazer resultados mais férteis do que cada um em separado, para lidar com o complexo problema do uso, conservação dos recursos biológicos.

Dessa forma, preocupação de registrar os usos das plantas suas formas terapêuticas (no caso das plantas medicinais). Esse tipo de procedimento ofereceu grandes progressos nos estudos básicos e aplicados principalmente aos farmacológicos, uma vez que os etnobotânicos forneceram a matéria-prima aos pesquisadores de áreas afins (ALBUQUERQUE, 2005).

2.4 CONHECIMENTO TRADICIONAL

O conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e práticas a respeito do mundo natural e ou sobre natural, transmitido oralmente de geração em geração (DIEGUES, 1999).

Os povos e comunidades tradicionais são grupos que apresentam uma diversidade cultural e possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição, com destaque para a medicina tradicional que envolve o uso de ervas, parte de animais e/ou minerais (MS, 2009).

Muitas sociedades tradicionais possuem uma vasta farmacopeia natural, em boa parte proveniente dos recursos vegetais encontrados nos ambientes naturais ocupados por estas populações (AMOROZO, 2002). Assim, o conhecimento tradicional proporciona ao homem em comunidades ou no seu cotidiano, utilizar a natureza para devidos fins, por exemplo: produções de alimentos, preparação do solo para cultivo de monocultura de subsistência, construções domésticas e rurais, com uso das ervas e árvores nativas para as preparações medicinais caseiras, além das produções de utensílios de uso domésticos com o uso do barro.

Os conhecimentos tradicionais têm um valor substancial para clarificar as formas como os produtores tradicionais percebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem no seu cotidiano. Mais ainda, no conceito de uma economia de subsistência, esse conhecimento sobre a natureza se converte em um componente decisivo para o esboço e implantação de estratégias de sobrevivência (TOLEDO e BASSOLS, 2010).

Na dimensão do tempo, o conhecimento contido em um só informante é a síntese de pelo menos três vertentes: (i) a experiência historicamente acumulada através de gerações por uma cultura rural determinada; (ii) a experiência socialmente compartilhada pelos membros de uma mesma geração (ou mesmo tempo generacional); (iii) a experiência pessoal e particular do próprio produtor e sua família, adquirida através da repetição do ciclo produtivo (anual) paulatinamente enriquecido por variações, eventos imprevistos e surpresas diversas ou intemperes o qual possa acontecer (TOLEDO; BASSOLS, 2010).

Assim, as populações tradicionais dispõem de termos para identificar elementos naturais tais como: rios, planícies, encostas entre outros. O conhecimento tradicional, como: classifica as paisagens, de acordo com a indicação de uso e manejo para desenvolver as atividades cotidianas, que seja na agricultura, pastagem, fabricação de utensílios e árvores e ervas nativas utilizadas nas preparações caseiras para uso medicinal.

A maioria das comunidades possuem sistemas próprios de manejo, resultado da experiência acumulada durante séculos de relação com os recursos naturais, que permitem suprir suas necessidades respeitando a natureza. Algumas dessas técnicas são mais produtivas do que as que os cientistas desejam aplicar, pois, estão adaptadas às condições locais (ALBUQUERQUE e ANDRADE, 2001).

Diegues (1999) descreve a existência das seguintes populações tradicionais não indígenas: caiçaras, caipiras, babaqueiros, jangadeiros, pantaneiros, pastoreio, praieiros, quilombolas, caboclos/ribeirinhos amazônicos, ribeirinhos não amazônicos, varjeiros, sítiantes, pescadores, açorianos, sertanejos/vaqueiros.

Nessa perspectiva a população humana local foco dessa pesquisa são os sítiantes. De acordo com Diegues (1999) caracterizam-se como uma população bastante ampla, que apesar de basear seu modo de vida na agricultura, desempenham outras atividades complementares, como a pesca, o artesanato, o trabalho assalariado. Além de serem considerados pequenos produtores rurais, moradores de pequenas propriedades rurais.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 ÁREA DE ESTUDO

O município de Cuitegi ($06^{\circ}53'36''S$; $35^{\circ}31'24''W$), localiza-se no estado da Paraíba (Nordeste do Brasil), na Mesorregião do Agreste paraibano e na Microrregião de Guarabira, dista 2 km aproximadamente do município de Guarabira-PB e 76,85 km da capital do estado, João Pessoa (Figura. 1). Limita-se com os municípios de Pilõezinhos (Norte), Alagoinha (Sul), Guarabira (Leste) e Pilões (Oeste) todos pertencentes ao estado da Paraíba. O acesso é feito pelas rodovias 075/PB e 076/PB (CPRM, 2005) (Figura 1). Possui uma área territorial de 39,3 km², com a população de 6.889 habitantes, 81,40% (5.608) da população residem na área urbana e 18,60% (1.281) na zona rural, sendo 3.389 homens e 3.500 mulheres (IBGE, 2010).

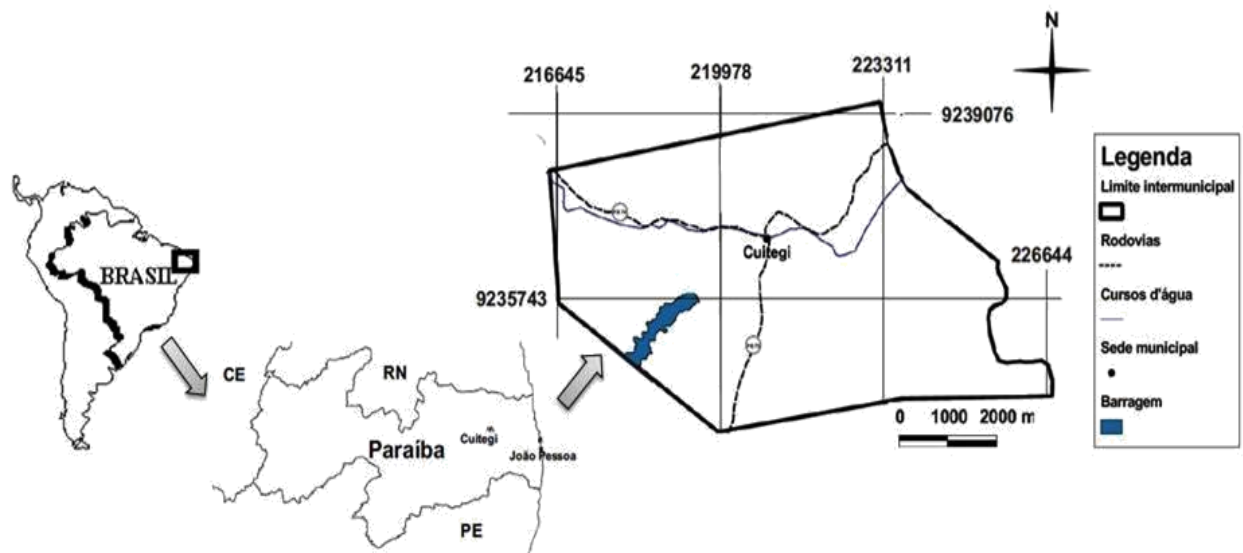


Figura 1. Local de estudo. Município de Cuitegi, estado da Paraíba, Nordeste do Brasil.

Fonte: Org.por: SOUZA R.S., 2012.

O relevo do município se apresenta na parte oriental da escarpa, onde é notável a ruptura do Planalto da Borborema, no que se refere às condições climáticas o clima apresenta as seguintes características: quente e úmido, As' segundo a classificação de Köppen (SUDEMA, 2004), ocorre chuvas de outono a inverno, caracteriza-se por apresentar períodos

de estiagem de (5) cinco a (6) seis meses, geralmente a época chuvosa inicia-se no mês de fevereiro ou março, prolongando-se até julho ou agosto, propiciando a formação de córregos perenes, tendo como principal curso fluvial o rio Araçagi que pertence a Bacia hidrográfica do rio Mamanguape, a mais influente no litoral norte. A vegetação é formada por florestas subcaducifólias, próprias das áreas de Agreste (CPRM, 2005).

A Comunidade estudada denomina-se de Sítio Palmeira, distam 2 km da PB/076 e 3 km do centro da cidade (Figura.2 e 3). A principal atividade econômica desenvolvida pelos moradores é a agricultura de subsistência que tem como principais cultivos o milho, feijão, mandioca, batata, inhame. Esses plantios são conduzidos nas proximidades das casas e em roçados. Quanto ao serviço de saúde, a comunidade dispõe de um posto de saúde que recebe visitas mensais da equipe de atendimento do Programa de Saúde da Família (PSF). Há apenas uma escola municipal de ensino Fundamental primeira fase, uma capela de religião católica, uma unidade religiosa da assembleia de Deus (evangélica) e uma associação dos moradores. A principal via de acesso encontra-se em parte, com alguns perímetros pavimentados e não há rede de abastecimento e esgoto sanitário. O abastecimento de água é fornecido através de pequenos mananciais hídricos compostos de fontes naturais, poços tubulares, cisternas além, do atendimento com carros pipa que visitam periodicamente a comunidade.



Figura 2- Imagem da comunidade estudada Sítio Palmeira Cuitegi-PB.

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

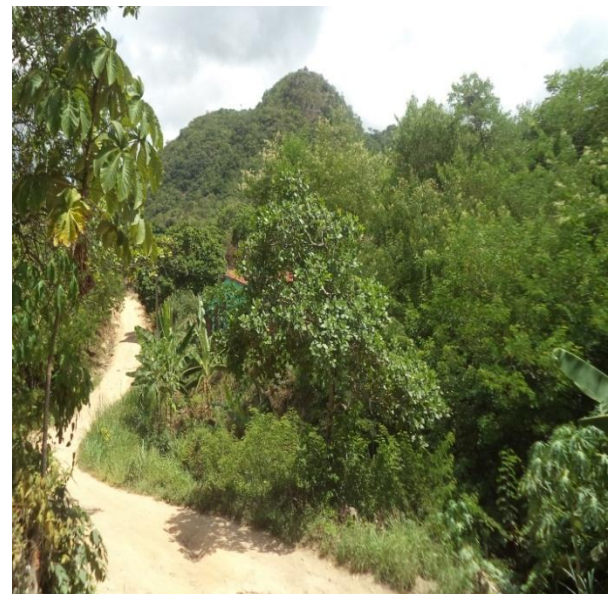


Figura 3- Principal via de acesso a comunidade Sítio Palmeira Cuitegi-PB.

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

3.2 INVENTÁRIO ETNOBOTÂNICO

As informações etnobotânicas para o desenvolvimento da pesquisa deu-se no período de 1 ano onde visitou-se 40 famílias residentes na comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi-PB tendo como público alvo as mulheres (donas de casas).

Com o intuito de coletar as informações, para analisar o conhecimento sobre os recursos vegetais locais, foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas, na qual as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir a campo, apresentando grande flexibilidade, pois permite aprofundar em outros elementos que poderão surgir durante a realização da entrevista (ALBUQUERQUE *et al.* 2010).

O formulário utilizado nas entrevistas foi composto por questões de caráter sócio econômico e informações sobre o conhecimento e uso das plantas medicinais. Inicialmente foi apresentado aos informantes o termo de consentimento livre esclarecido, para realização da pesquisa e em seguida as mesmas foram convidadas a assinar este documento exigido pelo Conselho Nacional de Saúde por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 196/96).

O material botânico coletado em campo foi identificado, processado e incorporado no Herbário Jaime Coelho de Moraes (EAN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II, no Centro de Ciências Agrárias (CCA), Areia- PB (Figura.4 e 5).



Figura 4-Material botânica Herbário Jaime Coelho de Moraes (UFPB).
Fonte: SILVA, S.,2014.



Figura 5-Material botânico em fase de incorporação no Herbário Jaime Coelho de Moraes (UFPB).
Fonte: SILVA, S., 2014

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Para o estudo de distinção entre as citações de o valor de uso atual (**VUatual.**) e valor potencial (**VUpotencial**) teve como base Lucena *et al.*, (2012), onde o **VUatual.**, considera os usos que os informantes efetivamente utilizam em seu cotidiano, já **VUpotencial.** É considerado os usos que são apenas conhecidos e não mais utilizado por elas. Estas distinções são encontradas durante a realização das entrevistas onde quando perguntado as informantes que indique quais usos são utilizados ou não.

Para cada espécie identificada foi realizado o cálculo da importância relativa (**IR**) baseando-se na proposta de Bennett e Prance (2000). Que é uma proposta simples e relativamente fácil de usar, empregada no estudo de plantas medicinais, na qual a planta mais importante mais versátil, ou de maior número de indicações terapêuticas apresentadas e aqueles sistemas corporais a que pertencem (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

O índice da Importância relativa (**IR**) onde uma espécie pode obter o valor máximo de (2)dois. A fórmula utilizada para o cálculo do **IR** é a seguinte: $IR = NSC + NP$, no qual **IR**- é a importância relativa; **NSC**- número de sistemas corporais; **NP**- número de propriedades. Os dois fatores são calculados pelas seguintes fórmulas: $NSC = NSCE/NSCEV$, e $NP = NPE/NPEV$, onde **NSCE**- corresponde ao número de sistemas corporais tratado por uma determinada espécie, (**NSE**); sobre o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (**NSCEV**); o e **NP** = e o número de propriedades atribuídas para uma determinada espécie (**NPE**); sobre o número total de propriedades atribuídas às espécies mais versátil (**NPEV**) (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 PLANTAS IDENTIFICADAS

Foram registradas 140 espécies pertencentes a 63 famílias e para esse total obtivemos 92 indicações terapêuticas para diferentes usos das plantas medicinais. Destacaram-se como as mais citadas 13 espécies (Tabela.1).

Tabela 1- Espécies que obtiveram maior número de citações.

Família	Espécie	Nome Vernacular	Nº de citações
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	43
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-santo	42
Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr.	Hortelã da folha grossa	34
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.)	Caju roxo	36
Lamiaceae	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	30
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hance	Mastruz	29
Zingiberaceae	<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.Sm.	Colônia	29
Caprifoliaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueira	27
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	25
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	24
<i>Ruta graveolens</i> L.	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	19
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	17
Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Macassá	13

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Das plantas levantadas com propriedades medicinais a *Lippia alba*(Mill.) N.E.Br. obteve o maior número de citações (43). Geralmente cultivada nos quintais das informantes que argumentaram que às propriedades dessa erva além do aroma e sabor característico dessa

planta. O chá por infusão (abafado), das folhas foram citados como a preferência de uso medicinal dessa espécie no tratamento de dor de barriga, e empachamento, anemia, diarreia, má digestão, pressão alta, insônia e febre. De acordo com Lorenzi e Matos (2002), as pesquisas etnofarmacológicas registram o uso do chá da erva-cidreira tanto em função do sabor agradável também pelas propriedades calmante, analgésica, sedativa, ansiolítica, mucolítica, além de óleo essencial. Segundo Tavares *et al* (2011) o nome popular “cidreira”, e utilizada para *Lippia alba*. Mas, utilizada também em varias regiões do Brasil para designar muitas espécies aromáticas de varias famílias botânicas.

A *Lippia Alba* (Mill.) N.E.Br. foi citada em pesquisa sobre utilização de plantas medicinais na comunidade urbana de Muribeca, Jaboatão dos Guararapes-PE Nordeste do Brasil, desenvolvida por Oliveira *et al.* (2010), indicada no tratamento de transtornos em cinco diferentes sistemas corporais, relacionaram-se ao sistema nervoso devido a ação calmante e analgésica.

As famílias botânicas que se sobressaíram quanto ao número de espécies representadas, foram: Lamiaceae com (10), Fabaceae (9), Myrtaceae (7), Anacardiaceae (4), e a asteraceae e rubiácea, com os resultados respectivos de (cinco espécies). Em estudos etnobotânicos realizados por Mosca e Loiola (2009), demonstraram uma particularidade em relação às espécies pertencentes tais famílias principalmente a Lamiaceae, que geralmente são cultivadas nos quintais, hortas e jardins nas proximidades das residências.

4.2 PARTES DAS PLANTAS CITADAS PELAS INFORMANTES

Quanto às partes das plantas mais utilizadas pelas mulheres nos preparos caseiros destacam-se as folhas com (440) citações, a casca (130), o fruto (72), a flor (68), a látex (44), a semente (27), e o bulbo (17) (Figura.6). Os usos das folhas das plantas apresentaram uma expressiva preferência, seguida das cascas dos vegetais.

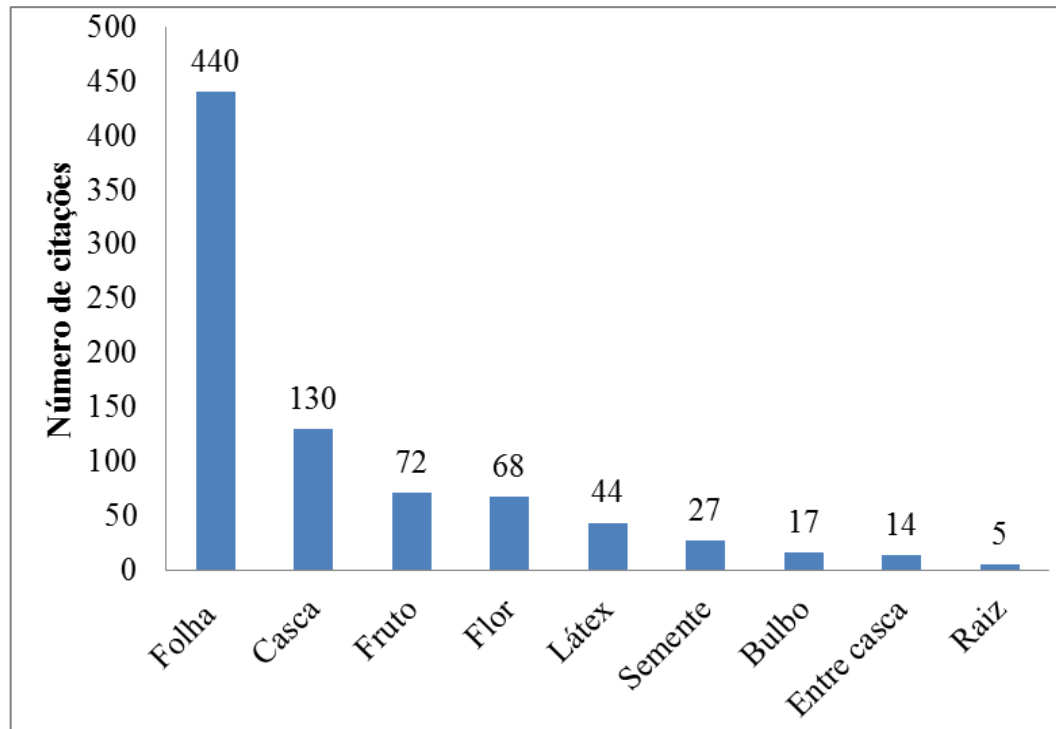


Figura 6. Citações das partes utilizadas por mulheres da comunidade do sítio Palmeira Cuitegi-PB

Fonte pesquisa de campo, 2014.

Assim, o tratamento de doenças com base na fitoterapia utiliza-se de diversas partes das plantas, como: raízes, cascas, folhas, frutos e sementes, de acordo com as ervas em questão. Há também diferentes formas de elaboração, sendo o chá a mais utilizada, nos preparos de decocção ou infusão (REZENDE e COCCO, 2002; OLIVEIRA, *et al*, 2010).

As espécies que se destacaram quanto ao uso das folhas foram: *Lippia alba* (Mill.)N.E.Br. (erva cidreira) e *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (capim santo); *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr.(hortelã da folha grossa) e a *Mentha x piperita* L. (hortelã da folha miúda). Em estudos realizados por Oliveira e Menini Neto (2013), em Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em Lima Duarte-MG, revelou-se que o uso das folhas teve destaque na pesquisa, esse fato se justifica, por ser mais fácil de realizar a coleta além, de permanecerem disponíveis praticamente durante todo o ano.

Quanto ao modo de preparo, as formas mais usadas pelas informantes foram: infusão (chá abafado) (215) citações, decocto (chá cozido) (194), lambedor (113), o molho (85), suco (47) e uso tópico (38), (Figura.7).Analisando os dados obtidos, observa-se que no inventário etnobotânico realizado por Sousa *et al.* (2007) na comunidade de Machadinho-BA, os resultados dessa pesquisa também apresentaram o uso da infusão nos preparos com as plantas citadas, e esse fator se explica devido a grande parte dos remédios serem preparados com as folhas dos vegetais, além da disponibilidade de encontrar esse recurso.

Nas preparações dos chás e lambedores, as espécies que lideraram foram a *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (erva cidreira), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf., (capim santo) e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (hortelã da folha grossa). Já no caso dos molhos e banhos as plantas de destaque são: *Anacardium occidentale* L. (caju roxo) e a *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira).

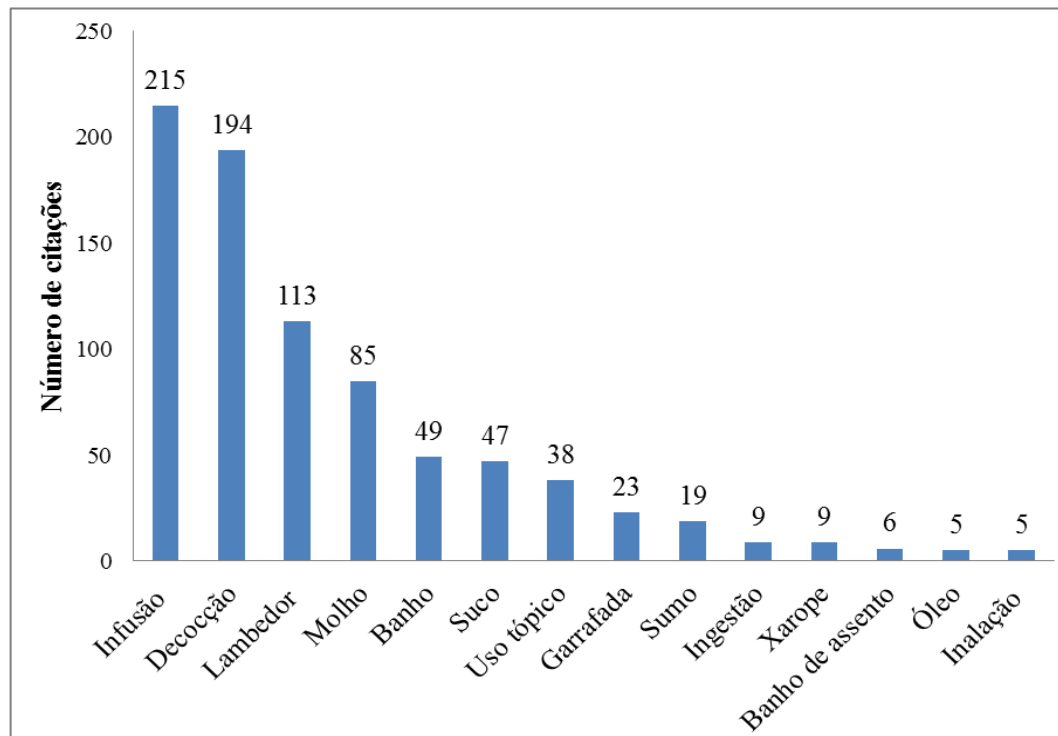


Figura 7. Modo de preparo por mulheres da comunidade do sítio Palmeira Cuitegi-PB
Fonte pesquisa de campo, 2014.

São várias as formas de preparos caseiros com o uso das plantas medicinais tais como: a garrafada, chá, lambedor, molho, sumo, xarope, banho, etc. No entanto, o chá é uma das formas mais comuns praticada na medicina tradicional entre os diferentes grupos populacionais (ALBUQUERQUE, 2010). Preparado geralmente em dose individual para consumo rápido, pois deixando para o dia seguinte, fermenta e estraga (SOARES, 2006).

4.3 IMPORTÂNCIA RELATIVA (IR), VUATUAL E VUPOTENCIAL

Desse modo, considerando o cálculo da Importância Relativa IR, as espécies que apresentaram os maiores valores foram: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (capim-santo) IR= 1,75; *Anacardium occidentale* L.(caju roxo) IR=1,63 *Mentha x piperita* L. (hortelã da folha miúda) IR=1,56; e a *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira) com IR= 1,32 (Figura. 8).

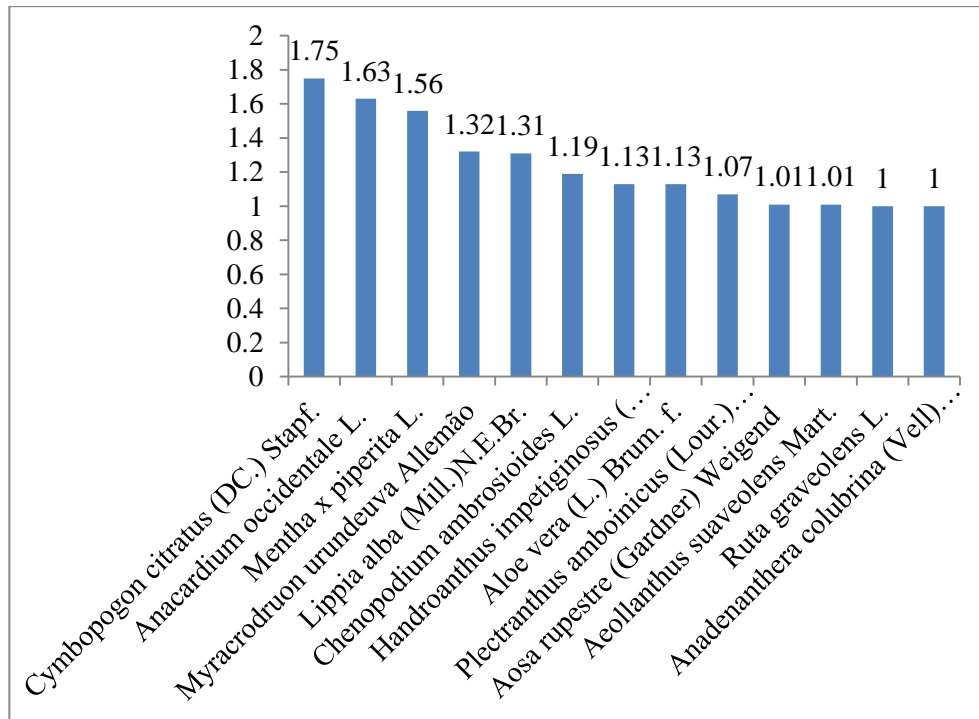


Figura 8 Espécies que obtiveram índices de Importância Relativa (IR >1)
Fonte: pesquisa de campo, 2014.

O *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf., destacou-se, sendo a espécie de maior Importância relativa IR demonstrando ser a espécie mais versátil. Sendo utilizado nas preparações caseiras de infusão e decocto, usado no tratamento de dor de barriga, cólicas intestinais, empachamentos, falta de apetite, mal-estar, má digestão, calmante, pressão alta, diarreia, inflamação, febre, cólica em crianças etc.

Seu uso é muito difundido de Norte a Sul do Brasil, tem ação calmante, espasmolítica, analgésica e contem um pouco menos de 0,5% de óleo essencial além de atividade antimicrobiana, formado principalmente por citral, a qual se atribui à capacidade de calmante (LORENZI e MATOS, 2002).

Quanto ao VU atual e VU potencial destas espécies a *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva cidreira) VU potencial. 0,2 e VU at. 0,87; o *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (capim santo) destacou-se quanto o VU potencial. 0,27 e em VU atual. 0,77. A *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. (Hortelã da folha grossa) VU p. 0,17 e VU at. 0,67 e a *Mentha x piperita* L. (Hortelã da folha miúda) VU potencial. 0,32 e VU atual. 0,42 (Tabela.5). Na pesquisa realizada por Vendruscolo e Mentz (2006), sobre o uso e importância das espécies utilizadas como medicinais o *Cymbopogon citratus*, também se destacou entre as espécies com maior número de usos mencionados quanto ao critério do cálculo de Valor de Uso, sendo uma das espécies de importância para a comunidade estudada.

4.4 USOS TERAPÊUTICOS DAS PLANTAS

Quando se abordou às indicações de uso terapêuticas entre as citações das informantes as que mais se enfatizadas foram: tosse (143), dor de barriga (87), inflamação no geral (71). (Figura.9), dentre as doenças mais tratadas com o uso de plantas medicinais na Região Nordeste, está as que agridem o sistema respiratório, como gripes, resfriados, tosses; e também as que atacam o sistema digestório como problemas de digestão, empachamento, azia, diarreia, etc (ALBUQUERQUE, *et al.*, 2010).

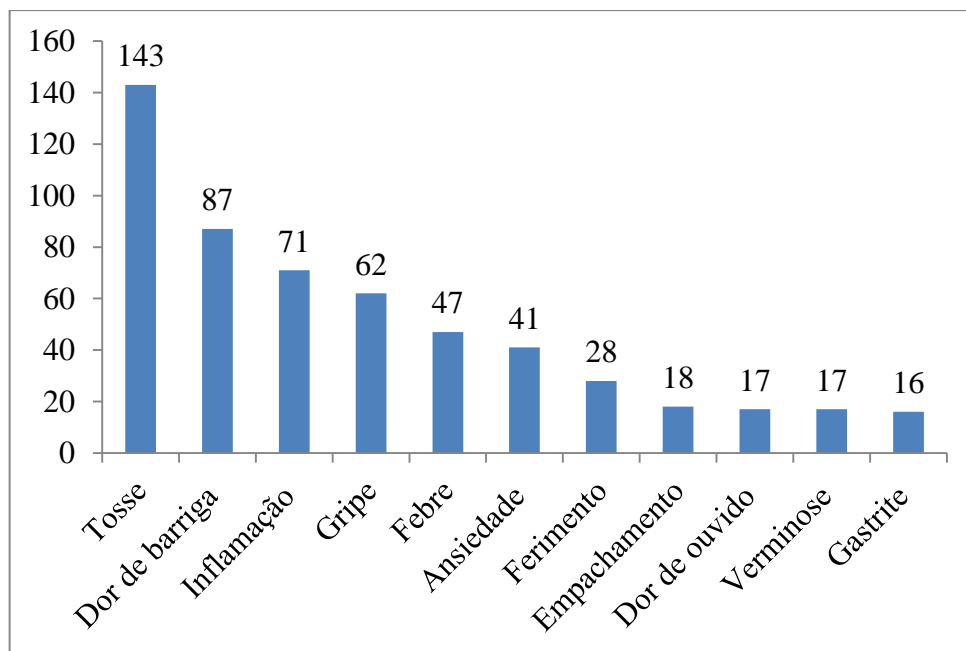


Figura 9 - Indicações terapêuticas que foram mais citadas.

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Ao trata-se dos usos referindo-se as doenças que afetam ao sistema respiratório, principalmente gripe e resfriados entre outras, estas também foram evidenciadas na maioria das indicações de tratamento. Em trabalhos etnobotânicos elaborados por Freitas *et al.* (2012), sobre o uso de plantas medicinais de quintais em uma comunidade rural no Rio Grande do Norte (RN), Nordeste do Brasil, apresentaram resultados semelhantes aos que foram encontrados em estudos desenvolvidos por Almeida e Albuquerque (2002) em áreas de Caatinga no Nordeste do Brasil.

Os sistemas corporais que mais tiveram destaque foram: os transtornos do sistema respiratório com (217) citações, seguido transtornos do sistema digestório (172) e a afecções e dores não definidas com (156) (Figura. 10).

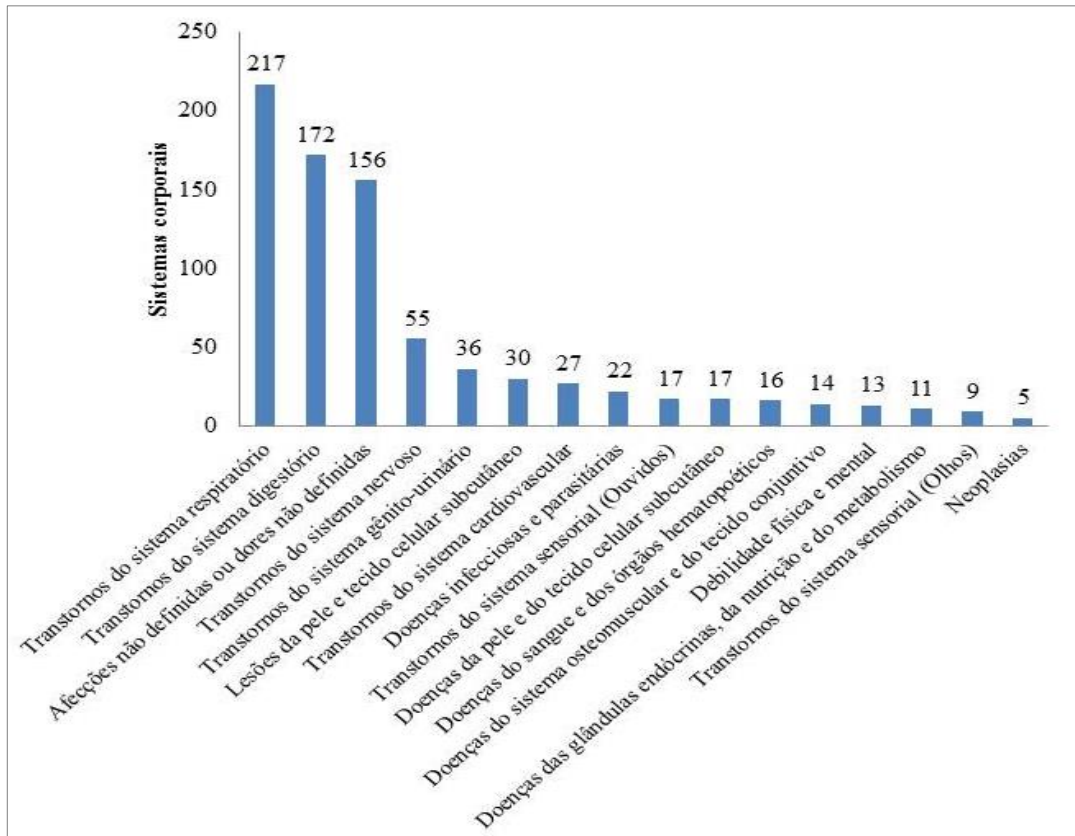


Figura- 10 Citações de sistemas corporais citados por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB)

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

A espécie mais citada no tratamento das infecções respiratórias (tosse e gripe), o *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (hortelã da folha grossa). Segundo Almeida e Albuquerque (2002), os tipos de sistemas corporais, mais comum de serem mencionados pelos informantes em estudos etnobotânicos são: os sistemas digestório, respiratório e as afeções do tecido subcutâneo e pele. Em estudos realizados por Aguiar e Barros (2012), no estado do Piauí, Nordeste do Brasil, tiveram dados que corroboraram com as informações obtidas nessa pesquisa. Apresentado também destaque para o sistema respiratório e digestório quanto às citações de indicações terapêuticas das plantas medicinais.

A matriz do conhecimento em evidência entre as informantes teve como foco o conhecimento vertical com (82,5%) e o conhecimento circular (17,5%). Dessa forma, observa-se que o conhecimento sobre as plantas medicinais e suas preparações é repassado entre as gerações permanecendo em mesma linhagem familiar. Resultados similares foram encontrados em levantamentos de uso de plantas medicinais na Bahia, Nordeste do Brasil, estudo realizado por Silva *et al* (2012) no qual, o maior percentual dos entrevistados adquiriram o conhecimento através dos pais, avós, parentes e amigos próximos.

Sobre a perpetuação do conhecimento e o uso das espécies vegetais na medicina tradicional 85% das mulheres entrevistadas afirmaram que, ensina como é feito os preparos caseiros com as ervas medicinais principalmente para seus filho e netos. Assim, as informantes demonstraram que há satisfação e vontade de permanecer vivo esse conhecimento entre seus descendentes. Contraindo-se a 15% argumentaram que não ensinam esse conhecimento visto que, existe pouco interesse por parte de alguns moradores da comunidade além, de ter medo em intoxicar as pessoas que irão fazer o uso destas plantas. Cunha e Bortolotto (2011), afirmam que a perpetuação do conhecimento pode ser transmitida para os filhos, irmãos, vizinhos e conhecidos mais próximos, oralmente acompanhadas de experiências e práticas.

Ao discutirmos os usos das plantas medicinais nas preparações caseiras em tratamento primário contra as enfermidades, 82,5% responderam que, inicialmente se a doença aparentemente não for grave faz-se o uso das plantas medicinais. Já 15% mencionaram que preferem os medicamentos de farmácia e 2,5% argumentaram que utilizam os medicamento caseiro e também os de farmácia. Nos estudos de Carvalho *et al.* (2013), realizados sobre o uso de plantas medicinais na comunidade de Várzea, Guaranhuns-PE, Nordeste do Brasil, encontrou-se resultados semelhantes quanto ao uso de plantas medicinais que afirmaram utilizar as os remédios caseiros feitos com as plantas quando estão doentes e também obtêm resultados positivos com esse tratamento.

As entrevistadas apresentaram preferência por conservar os cultivos das plantas medicinais principalmente nos quintas e jardins, e assim, enfatizaram que se torna mais fácil à coleta além, de obterem as espécies com melhor qualidade para uso. A importância de cultivar esses vegetais nas proximidades das residências é uma forma de mantê-los em ambientes limpos e longe de agrotóxicos mantendo a qualidade das plantas e de suas preparações (BADKE, *et al.*, 2012).

5 CONCLUSÃO

Verificou-se, que a comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi (PB), destaca-se quanto ao uso de plantas medicinais, com ênfase para tais espécies: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br., *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf., *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr., *Anacardium occidentale* L., *Mentha x piperita* L. Dentro do universo das famílias botânicas a Lamiaceae foi a mais representativa em número de indivíduos citadas como medicinais. Geralmente cultivadas nos quintas e jardins, apresentou-se uma grande diversidade de indicação terapêutica no combate aos sinais e sintomas das enfermidades, sobretudo no tratamento de gripe e dor de barriga. Essas utilizadas primordialmente na forma de chá, cuja parte das plantas mais utilizadas são as folhas. Esse fato se comprova devido número de espécies que apresentaram valores de Importância Relativa ($IR > 1$).

Diante dos resultados obtidos do VUatual e VUpotencial, constatou-se, que muitas espécies são utilizadas cotidianamente pelas informantes, além de ter grande representatividade de usos citados para as diversas enfermidades como: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf., *Anacardium occidentale* L., a *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br, a *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng e a *Mentha x piperita* L.

Alguns fatores comprovam a preferência das moradoras no uso das plantas medicinais, tais como: a facilidade de coletar e cultivar as espécies, que na sua maioria são cultivadas nos quintas e jardins das residências, além de encontrar algumas nas margens dos caminhos de acesso da comunidade e também pela sensação de bem-estar após usarem os medicamentos caseiros preparados naturalmente.

Entende-se, que o amplo conhecimento sobre as plantas usadas pelas moradoras da comunidade dar-se através da propagação do conhecimento tradicional compartilhado entre os membros de uma mesma família, esse fato só reforça a importância de manter-se vivo esse elo entre as novas gerações. Logo, o resgate do conhecimento local sobre as indicações terapêuticas das espécies vegetais citadas pode fornecer contribuições para a conservação e manejo dos recursos naturais, além de especificar a riqueza cultural das práticas utilizada no trato das plantas medicinais, fortalecendo os vínculos entre os moradores da comunidade e os seus recursos naturais. No entanto, é indispensável à realização de mais estudos etnobotânicos nessa comunidade, na perspectiva conservacionista das plantas medicinais.

REFERÊNCIAS

- AB' SABER, A. N. **Ecosistema do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2009. p. 285.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p.93
- _____. ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcante. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** v.16, 2002. p.273-285.
- _____. ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** v°16, nº 3, 2001. p.273-28.
- _____. **Catálogo de plantas medicinais da Caatinga: guia para ações de extensão**. Bauru, SP: canal 6, 2010. 68.p.
- _____. LUCENA.R.F.P.; ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA.R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. **Métodos na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. NUPEEA, 2010. 559 p.
- _____. NUNES, A. T.; ALMEIDA, A. L. S.; ALMEIDA, C. M. A. D.; LINS NETO, E. M. F.; VIEIRA, F. J.; SILVA, F. S.; SOLDATI, G. T.; NASCIMENTO, L. G. S.; SANTOS, L. L.; RAMOS, M. A.; CRUZ, M. P.; ALENCAR, N. L.; MEDEIROS, P. M.; ARAÚJO, T. A. S.; NASCIMENTO V. T. **Caatinga: biodiversidade e qualidade de vida**. Bauru- SP: Canal 6, 2010.
- AGRA, M.F.; BARACHO, G.S.; BASÍLIO, I.D.; NURIT, K.; COELHO, V.P.; BARBOSA, D. A. Sinopse da flora medicinal do Cariri Paraibano. **Oecol. Bras.**, v°11, nº3, 2007, p.323-330.
- AGUIAR, L.C.G.G.; BARROS, R.F.M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu**, v°14, nº.3, 2012, p.419-434.
- ARAÚJO, F.S.; RODAL, M.J.N.; BARBOSA, M.R.V.; MARTINS, F.R. Repartição da flora lenhosa no domínio da Caatinga. In: ARAÚJO, F.S.; RODAL, M.J.N.; BARBOSA, M.R.V. **Análise das variações da biodiversidade do bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p.446.
- ALMEIDA, C.F.C.B.R.; ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Rev. Interciência**, nº6, v° 27, 2002. p.276-285.
- ALENCAR, Néilson leal; ALBUQUERQUE, Ulysses paulino. Quais os fatores que interferem sobre a riqueza e compartilhamento de conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais?. Recife-PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012. p.109

_____. Néilson leal. **Farmacopeias tradicionais o papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga.** Tese apresentada ao programa de pós-graduação em botânica. Universidade federal rural de Pernambuco, Recife-PE, 2012.

AMOROZO, M.C.M. **A perspectiva etnobotânica na conservação de biodiversidade.** Departamento de ecologia, instituto de biociências UNESP, 2008.

_____. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** v°16, n°2, 2002, p.189-203.

BADKE, M. R.; BUDÓ, M. L. D.; ALVIM, N. A. T.; ZANETTI, G. D.; HEISLER, E. V. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. Florianópolis: **Texto Contexto Enferm**, n°21 v°2, 2012, p 363-70.

BERNARDES, C. A. C. G.; SILVA, F. A.; MOLEIRO, F. C. uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro Cohab Tarumã, Tangará da Serra, MT para o tratamento da alergia ou de seus sintomas. **Rev.de Biologia e Farmácia-BIOFAR**, v° 06, n° 02, 2011, p 161-162.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.** Brasília: ministério da saúde, 2009. P.136.

CABRAL, G.A.L.; MACIEL, J.R. Levantamento etnobotânico da coleção de plantas medicinais do Jardim Botânico do Recife PE. **Rev. de Biologia e Farmácia (Biofar)** v°06, n°02, 2011, p. 121-129.

CARVALHO, T.K.N.; SOUSA, R.F.; MENESES, S.S.S.; RIBEIRO, J.P.O.; FELIX, L.P.; LUCENA, R.F.P. Plantas usadas por uma comunidade rural na depressão sertaneja no Nordeste do Brasil. **Rev. de Biologia e Farmácia (Biofar)**, volume espacial, 2012. p.92-120.

CARVALHO, J.S.B.; MARTINS, J.D.L.; MENDONÇA, M.C.S.; LIMA, L.D. Uso popular das plantas medicinais na comunidade de Várzea, Guaranhos-PE. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra.** v°13, n°2, 2013, p.58-62.

CASTRO, A.S.; CAVALCANTE, A. **Flores da caatinga.** Campina Grande: Instituto Nacional do Semiárido (INSA), 2010, 116 p.

COSTA, M.A.G. **Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiro no município de Ipiranga, SP.** Botucatu: Dissertação apresentada à faculdade de ciências agrônômica da UNESP- campus Botucatu, 2002 p110.

CPRM – Companhia de Recursos Minerais. **Diagnóstico do município de Cuitegi estado da Paraíba/** Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

CUNHA, S. A; BORTOLOTTI I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** v°25, n°3, 2011, p.685- 698.

DIEGUES, C. D. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. São Paulo: NUPAUB, USP, 1999.

DUQUE, J. G. **O Nordeste e as lavouras xerófilas**. 4 ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004. 330 p.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA S. S. S.; Azevedo R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Biociências**. vº 10, nº1, 2012 p. 48-59

GIULIETTI, A. M.; BOCAGE NETA, A. L.; CASTRO, A. A. J. F.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; VIRGÍNIO, J. F.; QUEIROZ, L. P.; FIGUEREDO, M. A.; RODAL, M. J. N.; BARBOSA, M. R. V.; HARLEY, R. M. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T.; LINS, L. V. **Biodiversidade da Caatinga: áreas prioritárias para conservação**. Brasília DF: Ministério do Meio Ambiente: Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 382p.

HAVERROTH, M. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. 1ª ed. Recife: NUPEEA, 2010. 382p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=2> Acesso em 26/09/2013.

JORGE, S.S.A.; MORAIS, R.G. **Etnobotânica de plantas medicinais**. 2009.

LARCEDA, J.R.C.; SOUSA, J.S.; SOUZA, L.C.F.S.; BORGES, M.G.B.; FERREIRA, R.T.F.V.; SALGADO, A.B.; SILVA, M.J.S. Conhecimento popular sobre plantas medicinais e sua aplicabilidade em três segmentos da sociedade no município de Pompal-PB. Patos: **Rev. ACSA**, v.9, nº1, 2013. p. 14-23.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M. SILVA, M. J. C. **Ecologia e conservação da Caatinga: uma introdução ao desafio**. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M. SILVA, M. J. C. **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife PE: ed. Universitária da UFPE, 2003, 822p.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Instituto Plantarum, 2002, 512p.

LUCENA, R.F.P. **Avaliando a eficiência de diferentes técnicas de coleta e análise de dados para a conservação da biodiversidade a partir do conhecimento local**. Recife: Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2009. p. 124.

MAIA, E.A.; FRANCISCO, J.; PIRES, T.; MANFREDI-COIMBRA, S. O uso de espécies vegetais para fins medicinais por duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, Brasil. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. vº 11, nº 1, 2011 , p.54-74

MACIEL, B. A. Unidades de conservação no bioma Caatinga. In: GARIGLIO, M. A.; SAMPAIO, E.V.S.B.; CESTARO, L.A.; KAGEYAMA, P.Y. **Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da Caatinga**. Brasília: Serviço Floresta Brasileiro, 2010. 368p.

MING. L.C. Ensino da etnobotânica. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

_____, L. C.; Hidalgo, A. F.; Silva, S. M. P. (2002). A Etnobotânica e a conservação de recursos genéticos. In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: SBEE, p.141-151.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, **Tecnologia e Insumos Estratégicos**. **Departamento de Assistência Farmacêutica. A fitoterapia no SUS**. Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais de Central de Medicamentos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, **Tecnologia e Insumos Estratégicos**. **Departamento de Assistência Farmacêutica. A fitoterapia no SUS**. Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais de Central de Medicamentos Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, BRASIL. **Subsídios para elaboração do plano de ação para a prevenção e controle do desmatamento na Caatinga**. Brasília: MMA, 2011. 118.p.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Mossoró: **Revista Caatinga**. v° 22, n° 4, 2009, p.225-234.

OLIVEIRA, R. L. C. Etnobotânica e plantas medicinais: estratégias de conservação. **Rev. de Biologia e Ciências da Terra**. v° 10, n° 2, 2010, p.76-82.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.**, v. 23, n° 2, 2009. p.590-605.

OLIVEIRA, G.L.; OLIVEIRA, A.F.M.; ANDRADE, Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil, **Rev. Acta. Bot. Bras.** v°24, n°2, 2010, p.571-577.

OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v°14, n°2, 2012, p.311-320.

OMS, ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Medicina tradicional**. Nota descriptiva n°134, diciembre, 2008 p3.

RADOMSKI, M.I. **Plantas medicinais tradição e ciência**. I semana do estudante Universitário – floresta e meio ambiente. Embrapa- Floresta, 2003. p. 8.

RAMOS, M.A.; ALBUQUERQUE, U.P.; AMORIM, E.L.C. O comércio de plantas medicinais em mercados públicos e feiras livres: um estudo de caso. In: ALBUQUERQUE, U.P.; ALMEIDA, C.F.C.B.R.; MARINS, J.F.A. **Tópicos em conservação etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de etnobiologia e etnoecologia, 2005. p.127-162.

REZENDE, H. A.; COCCO, M. I.M.A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **SÉRGIO.Rev. Esc. Enferm. USP**, v°36, n°3, 2002, p.282-288.

ROSS, J.L.S. **Ecogeografia do Brasil**: subsídios para o planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de textos, 2009, 208 p.

SILVA, R.A.; SANTOS, A.M.M.; TABARELLI, M. Riqueza e diversidade de plantas lenhosas em cinco unidades de paisagem da Caatinga. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M. SILVA, M. J. C **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife PE: ed. Universitária da UFPE, 2003, 822p.

SILVA, S. L. C.; GUALBERTO, S. A.; MACEDO, L. G. E.; SILVEIRA, T.C.; SILVA, D. C. Plantas medicinais usadas pela comunidade do povoado de Laços (Tanhaçú/Bahia) e encontradas na floresta nacional Contendas do Sincorá. Mossoró: **Revista Caatinga**, v°25, n°3, 2012, p.130-136,

SOARES, C.A. **A cura que vem dos chás**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 264.p.

SOUSA, C.G.; ARAÚJO, B.R.N.; SANTOS, A.T.P. Inventário etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Machadinho, Camaçari-BA: Porto Alegre: **Revista Brasileira de Biociências**. v°5, n°1, 2007, p.549-551.

SOUSA, R.F.; GOMES, D.S.; LEITE, A.P.; ABREU, D.B.O.; SANTOS, S.S.; LUCENA, C.M.; ALVES, C.A.B.; LUCENA, R.F.P. Estudo etnobotânico de Myracrodrou urundeuva Allemão em uma comunidade rural na microrregião de Itaporanga, Paraíba, Brasil. **Revista Biotemas**, 2011.11p.

SUDEMA, Superintendência de administração do meio ambiente. **Atualização do diagnóstico florestal do estado da Paraíba**. João Pessoa: SUDEMA, 2004. p.268.

PAULINO, R.C.; HENRIQUES, G.P.S.A.; COELHO, M.F.B.; ARAÚJO, P.V.N. Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. v° 11, n°1, 2011.p.

RODRIGUES, A. G.; AMARAL, A.C.F. Aspectos sobre o desenvolvimento da fitoterapia. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica práticas integrantes e complementares: **plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica**. Brasília: M.S, 2012.

STEENBOCK, W. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BOSSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. Recife: Nupeea, 2010, p.382.

VIEGA JUNIOR, V.F.; PINTO, A.C. Plantas medicinais: cura segura? **Revista quim. Nova**, v°28, n°3, 2005, p.519-528.

VELLOSO, A. L.; SAMPAIO, E.V. S. B.; PAREYN, F. G. C. **Ecorregiões: propostas para o bioma caatinga**. Recife: Associação plantas do Nordeste; Instituto de Conservação, 2002. 76p.

VENDRUSCOLO, G. S. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do Bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Botânica da UFRGS, 2004. 276p.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Porto Alegre: **IHERINGIA, Sér. Bot.**, v. 61, n. 1-2, 2006, p. 83-103.

Vendruscolo, G. S.; MENTZ L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro, Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil, **Rer. Acta bot. bras.** 20, n°2, 2006, p.367-382.

_____. Uso de plantas medicinais por uma comunidade rural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. Recife: Nupeea, 2010, p.382.

Anexo

Anexo- A Tabela 2 Espécies de plantas identificadas como uso medicinal e Importância Relativa (IR) da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).

Família	Espécies	Nome vernacular	IR
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophy</i> Leon.	Chachambá	0,19
Anacardeacea	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	1,32
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	1,63
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga espada	0,5
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	Sete casco	0,19
Annoniaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	0,63
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	0,26
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.)	Perpetua branca	0,26
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina vegetal	0,19
Amaryllidaceae	<i>Habranthus itaobinus</i> Ravenna	Alho do mato	0,19
Apiaceae	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	0,38
	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	0,38
	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro do brabo	0,19
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce	0,88
Apocynaceae	<i>Canthranthus roseus</i> (L) G. Don	Boa noite branca	0,26
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	0,57
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco amarelo	0,38
	<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Coco catolé	0,32
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc	Cronta erva	0,26
Asteraceae	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	0,19
	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	0,38
	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila	0,19
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	0,19
	<i>Helianthus annuus</i>	Girassol	0,19

Continuação tabela 2

	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less	Macela	0,19
Bignoniaceae	<i>Jacarandá copaia</i> (Aubl.) D. Don	Caraúba	0,38
	<i>Jacarandacuspifolia</i> Mart.	Caroba	0,38
	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	0,19
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	1,13
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	0,57
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Língua de vaca	0,19
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	0,26
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	0,26
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cardeiro	0,19
	<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Palma	0,19
Capparaceae	<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf	Mussambê	0,19
Caprifoliaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueira	0,63
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	0,19
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	0,57
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Espinheira Santa	0,19
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	1,19
Commerliacea	<i>Cammelina difusa</i>	Erva de Santa Maria	0,19
Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata de purga	0,44
Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	0,19
Cecropiaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Imbaúba	0,19
Cucurbitacea	<i>Luffa operculata</i> Cong.	Cabacinha	0,19
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	0,19
	<i>Sicana odorifera</i> (Vell.) Naudin	Cruá	0,19

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Continuação tabela 2

	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caitano	0,19
	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	0,19
Euphorbiaceae	<i>Croton Blanchetianus</i> Baill.	Marmeleiro	0,19
	<i>Crotonsincorensis</i> Mart.	Marmeleiro branco	0,38
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	0,81
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	0,19
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	1,00
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	0,57
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C.Sm.	Cumarú	0,81
	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC). Britton & Rose	Espenheiro	0,19
	<i>Machaerium</i> sp.	Espinho rei	0,19
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Guandú	0,19
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	0,88
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul. Var. férrea	Jucá	0,57
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	0,19
Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Malva rosa	0,63
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	0,81
	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Alfavaca	0,69
	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema braba	0,19
	<i>Leonotis nepetaefoli</i> (L.) R. Br.	Cordão de São Francisco	0,19
	<i>Plectranthus amboinicus</i> L. (Lour.) Spreng.	Hortelã da folha grossa	1,07
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	1,56
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrewes	Hortelã de homem	0,44
	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Macassá	1,01
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	0,26
	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Alecrim bravo	0,19
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	0,69

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Continuação tabela 2

	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	0,76
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	0,81
	<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. f.	Babosa	1,13
	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	0,44
Linaceae	<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça	0,19
Loasaceae	<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Urtiga branca	1,01
Malpighiaceae	<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	0,26
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	0,19
	<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K. Schum.	Barriguda	0,19
	<i>Hibiscus sinensis</i> L.	Malvão vermelho	0,38
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	0,38
	<i>Abelmoschus esculentes</i> (L.) Moench.	Quiabo	0,38
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	0,26
	<i>Macluva tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Tatajuba	0,19
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> L.	Banana prata	0,63
Myrtaceae	<i>Psidium guineense</i>	Araçá	0,26
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Nerril.	Cravo do reino	0,19
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Oliveira	0,38
	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	0,5
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	0,26
	<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg	Jaboticaba	0,38
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	0,19
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega pinto	0,19
	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	João mole	0,38
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	0,19
Oxalidaceae	<i>Averhoa carambola</i> L.	Carambola	0,38
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	0,26
Papaveraceae	<i>Argemone mexica</i> L.	Cardo santo	0,38

Continuação tabela 2

Pedaliaceae	<i>Sesamum orientale</i> L.	Gergelin	0,19
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipí	0,38
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	0,19
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Transagem	0,38
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	1,75
	<i>Zea mays</i> L.	Milho	0,19
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	1,31
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	0,75
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa branca	0,44
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	0,44
	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltde) K. Schum	Jenipapo brabo	0,44
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	0,38
	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	0,38
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Quina-quina	0,57
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	1,00
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	0,88
	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Laranja lima	0,19
	<i>Citrus Limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	0,26
Sapindaceae	<i>Cupania emarginata</i>	Cabatã	0,19
Scrophulariaceae	<i>Capraria biflora</i> L.	Chá preto	0,26
Solanaceae	<i>Solanum tuberosum</i>	Batatinha	0,19
	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn	Gogoia	0,19
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	0,57
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	0,19
Turneraceae	<i>Turnera ulmifolia</i> Sessé & Moc.	Xanana	0,19
Verbenaceae	<i>Beta vulgaris esculenta</i>	Beterraba	0,26
	<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	0,19
	<i>Lippia alba</i> (Mill.)N.E.Br.	Erva cidreira	1,31
	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	0,19

Continuação tabela 2

Violaceae	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Papaconha	0,26
Vitaceae	<i>Cissus Verticillata</i> (L) Nicholson & C.E.Jarvis	Insulina	0,19
Zingiberaceae	<i>Curcuma Longa</i> L.	Açafroa	0,19
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana-da-índia	0,81
	<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt. & R.M.Sm.	Colônia	0,94
	<i>Zingiber officinale</i> Rosce.	Gengibre	0,19
	-	Nove cura	0,19
	-	Cumatí	0,19

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Anexo B - Tabela 3. Parte das plantas utilizadas nas preparações caseiras de uso medicinal citada por mulheres da comunidade do sítio Palmeira Cuitegi (PB)

Parte das plantas	Nº de Citações
Bulbo	17
Casca	130
Entre casca	14
Flor	68
Folha	440
Fruto	72
Raiz	5
Látex	44
Semente	27

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Anexo C- Tabela 4. Modo de preparo citados por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB)

Modo de preparo	Nº de citações
Banho	49
Banho de assento	6
Chá abafado	215
Chá cozido	194
Garrafada	23
Inalação	5
Ingestão	9
Lambedor	113
Molho	85
Óleo	5
Suco	47
Sumo	19
Uso tópico	38
Xarope	9

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Anexo D-Tabela 5. Citações de sistemas corporais citado por mulheres da comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB)

Sistemas corporais	Nº de citações
Afecções não definidas ou dores não definidas	156
Debilidade física e mental	13
Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo	17
Doenças das glândulas endócrinas, da nutrição e do metabolismo	11
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos	16
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	14
Doenças infecciosas e parasitárias	22
Inapetência sexual	-
Lesões da pele e tecido celular subcutâneo	30
Neoplasias	5
Transtornos do sistema respiratório	217
Transtornos do sistema sensorial (Olhos)	9
Transtornos do sistema sensorial (Ouvidos)	17
Transtornos do sistema cardiovascular	27
Transtornos do sistema gênito-urinário	36
Transtornos do sistema nervoso	55
Transtornos do sistema digestório	172

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Anexo E-Tabela 6 Citações de uso VUpotencial VUatual das espécies citadas na comunidade do Sítio Palmeira Cuitegi (PB).

Família	Espécies	Nome vernacular	VUpot.	VUat.
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophy</i> Leon.	Chachambá	0,02	-
Anacardeacea	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	0,3	0,32
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	0,4	0,5
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga espada	0,07	0,07
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	Sete casco	0,02	-
Annoniaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	0,07	0,02
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	0,05	-
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.)	Perpetua branca	0,05	-
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina	0,02	-
Amaryllidaceae	<i>Habranthus itaobinus</i> Ravenna	Alho do mato	-	0,02
Apiaceae	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	0,02	0,02
	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	0,07	-
	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro do brabo	0,02	-
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce	0,17	0,17
Apocynaceae	<i>Canthranthus roseus</i> (L) G. Don	Boa noite branca	0,22	0,1
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	0,15	-
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco amarelo	0,05	-
	<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Coco catolé	0,05	0,02
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc	Cronta erva	0,05	-
Asteraceae	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	0,02	-
	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	0,15	0,1
	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila	0,05	0,07
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	0,02	-
	<i>Helianthus annuus</i>	Girassol	0,05	-

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Continuação tabela 6

	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less	Macela	0,02	-
Bignoniaceae	<i>Jacarandá copaia</i> (Aubl.) D. Don	Caraúba	0,05	-
	<i>Jacarandacuspifolia</i> Mart.	Caroba	0,07	-
	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	0,02	-
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	0,15	-
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	0,07	0,02
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Língua de vaca	0,02	-
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	0,07	0,02
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	0,05	0,05
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cardeiro	0,02	-
	<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Palma	0,02	-
Capparaceae	<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf	Mussambê	0,02	-
Caprifoliaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.	Sabugueira	0,37	0,3
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	0,02	0,02
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	0,07	-
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Espinheira Santa	-	0,05
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	0,35	0,37
Commerliacea	<i>Cammelina difusa</i>	Erva de Santa Maria	0,05	0,02
Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata de purga	0,1	-
Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasilensis</i> Camb.	Saião	0,12	0,07
Cecropiaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Imbaúba	0,02	-
Cucurbitacea	<i>Luffa operculata</i> Cong.	Cabacinha	0,02	-
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	0,02	0,02
	<i>Sicana odorifera</i> (Vell.) Naudin	Cruá	0,02	-

Continuação tabela 6

	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caitano	0,02	0,02
	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	-	0,02
Euphorbiaceae	<i>Croton Blanchetianus</i> Baill.	Marmeleiro	0,02	-
	<i>Crotonsincorensis</i> Mart.	Marmeleiro branco	0,05	-
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	0,1	0,02
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	0,05	0,02
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	0,22	0,2
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	0,07	-
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C.Sm.	Cumarú	0,07	0,07
	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC). Britton & Rose	Espenheiro	0,02	-
	<i>Machaerium</i> sp.	Espinho rei	0,02	-
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Guandú	0,02	-
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	0,17	0,07
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul. Var. férrea	Jucá	0,07	-
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	0,02	-
Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Malva rosa	0,12	0,02
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	0,15	0,02
	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Alfavaca	0,1	0,17
	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema braba	-	0,02
	<i>Leonotis nepetaefoli</i> (L.) R. Br.	Cordão de São Francisco	-	0,02
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã da folha grossa	0,17	0,67
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	0,32	0,42
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrewes	Hortelã de homem	0,05	0,05
	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Macassá	0,32	-
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	0,05	-
	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Alecrim bravo	0,02	-
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	0,12	0,05

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Continuação tabela 6

	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	0,15	0,02
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	0,05	0,05
	<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. f.	Babosa	0,17	0,25
	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	0,12	0,1
Linaceae	<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça	0,02	-
Loasaceae	<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Urtiga branca	0,1	0,1
Malpighiaceae	<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	0,05	-
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	0,02	-
	<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K. Schum.	Barriguda	0,05	-
	<i>Hibiscus sinensis</i> L.	Malvão vermelho	0,02	0,02
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	0,02	0,02
	<i>Abelmoschus esculentes</i> (L.) Moench.	Quiabo	0,05	-
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	0,02	0,02
	<i>Macluva tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Tatajuba	0,02	-
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> L.	Banana prata	0,05	-
Myrtaceae	<i>Psidium guineense</i>	Araçá	0,1	0,02
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Nerril.	Cravo do reino	0,02	-
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Oliveira	0,02	0,02
	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	0,25	0,1
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	0,15	0,15
	<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg	Jaboticaba	0,05	-
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	0,02	-
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega pinto	0,02	-
	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	João mole	0,07	-
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	0,07	-
Oxalidaceae	<i>Averhoa carambola</i> L.	Carambola	0,05	-
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	0,1	0,07
Papaveraceae	<i>Argemone mexica</i> L.	Cardo santo	0,05	-

Continuação tabela 6

Pedaliaceae	<i>Sesamum orientale</i> L.	Gergelin	0,02	-
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipí	0,07	-
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	0,02	0,02
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Transagem	0,07	-
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	0,27	0,77
	<i>Zea mays</i> L.	Milho	0,02	-
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	0,27	0,32
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	0,07	0,02
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa branca	0,75	0,05
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	0,12	0,15
	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdle) K. Schum	Jenipapo brabo	0,07	-
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	0,07	0,02
	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	0,05	0,05
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Quina-quina	0,07	-
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	0,45	0,02
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	0,25	0,17
	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Laranja lima	0,05	-
	<i>Citrus Limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	0,05	0,1
Sapindaceae	<i>Cupania emarginata</i>	Cabatã	0,02	-
Scrophulariaceae	<i>Capraria biflora</i> L.	Chá preto	0,05	-
Solanaceae	<i>Solanum tuberosum</i>	Batatinha	0,02	-
	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn	Gogoia	0,02	-
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	0,07	-
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	0,02	0,02
Turneraceae	<i>Turnera ulmifolia</i> Sessé & Moc.	Xanana	0,02	-
Verbenaceae	<i>Beta vulgaris esculenta</i>	Beterraba	0,02	0,05
	<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	0,02	0,02
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva cidreira	0,2	0,87
	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	0,02	-

Continuação tabela 6

Violaceae	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Papaconha	0,05	-
Vitaceae	<i>Cissus Verticillata</i> (L) Nicholson & C.E.Jarvis	Insulina	0,05	-
Zingiberaceae	<i>Curcuma Longa</i> L.	Açafroa	0,02	-
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana-da-índia	0,15	-
	<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt. & R.M.Sm.	Colônia	0,37	0,35
	<i>Zingiber officinale</i> Rosce.	Gengibre	-	0,02
	-	Nove cura	-	0,02
		Cumatí	0,02	-

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Anexo F- Tabela 7 indicação terapêutica citada por mulheres da comunidade do sítio Palmeira Cuitegi (PB).

Aborto	1
Ameba	6
Anemia	2
Ansiedade	41
AVC	12
Bronquite	1
Câncer	2
Câncer na próstata	1
Cansaço	2
Caroço	8
Caspa	2
Cicatrizante	2
Coceira na vagina	1
Colesterol alto	2
Cólica em criança	1
Cólica intestinal	1
Cólica menstrual	11
Conjuntivite	2
Descongestionante nasal	1
Desidratação	1
Diabetes	7
Diarreia	7
Digestão	5
Diminuir fluxo menstrual	5
Doença de criança	1
Doença nos olhos	1
Dor	7
Dor de barriga	87
Dor de cabeça	4
Dor de dente	3
Dor no estomago	8

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Continuação tabela 6

Dor na garganta	2
Dor de ouvido	17
Dor na coluna	4
Dor nas pernas	2
Dor nos olhos	1
Dor nos rins	1
Empachamento	18
Enfermidade	2
Epilepsia	1
Escovar os dentes	1
Estancar sangramento	1
Falta de apetite	11
Febre	47
Ferimento	28
Fratura	7
Frieira	2
Gastrite	16
Gripe	62
Hemorragia	2
Hemorroidas	3
Hérnia	2
Icterícia	1
Inchaço nas pernas	1
Infecção intestinal	1
Infecção urinária	4
Inflamação	71
Inflamação no dente	2
Inflamação na garganta	15
Inflamação na pele	2
Inflamação na próstata	1

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Continuação tabela 6

Inflamação no fígado	1
Inflamação no útero	13
Inflamação nos olhos	3
Inflamação nos rins	5
Insônia	2
Limpeza intestinal	2
Má digestão	1
Machucado	1
Mal do monte	1
Mal-estar	5
Mioma	1
Mulher de resguardo	2
Nascer cabelo	1
Nascer dente de criança	3
Olho inchado	2
Pancada	2
Pedra nos rins	6
Perder peso	2
Pneumonia	1
Pressão alta	13
Pressão baixa	2
Prevenir câncer	2
Problema no coração	5
Quebradeira	1
Queda de cabelo	7
Reumatismo	2
Rouquidão	3
Sinusite	4
Tosse	143
Verme	17
Vômito	1

Fonte: pesquisa de campo, 2014.

Anexo G-Formulário Geral Etnobotânico

1. Identificação

Local: _____ Data/Hora: _____

Identificação: _____ | N° Gravação (se houver): _____

Nome completo: _____

Idade: _____ Apelido: _____ Tempo de Residência no

Local: _____

2. Socioeconômico

Renda Familiar: _____ Renda Pessoal: _____

Ocupação(ões): _____

Grau de Escolaridade:

Analfabeto [] | Semi-analfabeto: Apenas escreve o nome [] apenas lê [] lê e escreve com dificuldade []

Fundamental: [] Incompleto (_____) [] Completo

Médio: [] Incompleto (_____) [] Completo

Superior: [] Incompleto (_____) [] Completo

Habitação: Própria [] Alugada [] Outra situação []

3. Questões Gerais:

1. Sobre a flora local.

1.1 Quais plantas ocorrem aqui?

1.2 Quais usos são atribuídos a cada uma?

1.3 Você utiliza essas plantas? Quais?

1.4 Qual dessas plantas prefere utilizar das citadas?

1.5 Onde é coletada e se cultiva?

1.6 Onde é cultivada?

1.7 Quais servem para fins medicinais e todos os seus detalhes (pessoas)?

- Qual parte utilizada?

- Modo de Preparo?

- Contra indicação?

- Tratar qual tipo de doença?

1.8 Você aprendeu com quem esse conhecimento? Ensina a alguém?

1.9 Esse uso da planta você pratica atualmente ou apenas conhece e sabe de seu Potencial utilitário (pergunta para todas as categorias)?

2.0 Você pode informar se na comunidade existe um grande especialista em plantas?

2.1 O senhor (a) prefere usar o remédio de farmácia ou caseiro?

2.2 Qual a atuação dos agentes de saúde?

2.3 Quando senhor (a) tá doente procura um especialista local?

Anexo H -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: **CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE RURAL NO MUNICÍPIO DE CUITEGI, PARAÍBA, NORDESTE, BRASIL**

Orientador: Prof. Msc. Carlos Antonio Belarmino Alves (CH/UEPB)

Coorientador: do Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena (CCA/UFPB).

Prezado (a) Senhor (a)

A pesquisa que senhor (a) está preste a participar é um estudo para a elaboração de um trabalho monográfico que será apresentado para instituição de ensino superior a Universidade Estadual da Paraíba Campus III, Guarabira-PB, ao curso de Licenciatura plena em Geografia. O estudo não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa da instituição. Com o objetivo de registrar o uso e importância relativa das plantas medicinais utilizadas pelas mulheres moradoras da comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi (Paraíba, Nordeste do Brasil). E assim, identificar o conhecimento tradicional sobre as preparações caseiras com as plantas medicinais para as diferentes enfermidades. O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, sem causar danos ou prejuízos as participantes. Caso a Senhor (a), concorde em tornar-se parte dessa pesquisa, serão convidadas a participar das entrevistas e ajudar os pesquisadores a coletar as plantas e mostrar, como as usam no seu dia a dia. Todos os dados coletados de sua colaboração serão organizados de maneira a proteger a sua identidade. O estudo não relacionará seu nome às informações obtidas. A senhor (a), tem total liberdade para se retirar da pesquisa a qualquer momento. Caso deseje participar, assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todos os seus questionamentos foram respondido.

Nome

Endereço

Assinatura do Participante (a)

Assinatura dos pesquisadores: